

Antologia
Coordenação Aine Pena

Livro
Azul
Autores Contemporâneos

Apena
Editora



Vários Autores

Antologia

LIVRO AZUL
Autores Contemporâneos

Contos, Crônicas e Poesias

Coordenação: Ainê Pena

1ª Edição

Apena

Editora

Brasília, Brasil
2024

© Vários Autores, 2024
Livro Azul - Autores Contemporâneos, Antologia
Coordenação: Ainê Pena
Revisão textual do próprio autor
Todos os direitos reservados

Site da editora: **www.apena.com.br**

E-mails da editora: contato@apena.com.br
apena.editora@gmail.com

Catálogo na Publicação (CIP)
(Ficha Catalográfica feita por Apena, DF, Brasil)

A634I	Antologia, Vários Autores, 2024 – Livro Azul - Autores Contemporâneos, Antologia / Vários Autores; Coordenação: Ainê Pena. – 1. ed. - Brasília: Edição Apena Editora, 2024. 125 p.; ISBN – 978-65-80029-47-1 <i>(e-Book Apena Editora – Venda Proibida)</i> 1. Literatura Brasileira, Poesia. 2. Contos. I. Antologia. II. Título. CDD: B869.1 CDU: 82-1
-------	--

Índice para catálogo Sistemático:
1. Literatura Brasileira: Poesia (CDD B869.1)
Literatura Brasileira: Contos (CDD B869.3)

**É EXPRESSAMENTE
PROIBIDA A
COMERCIALIZAÇÃO DESTA
ANTOLOGIA**

A distribuição é Gratuita

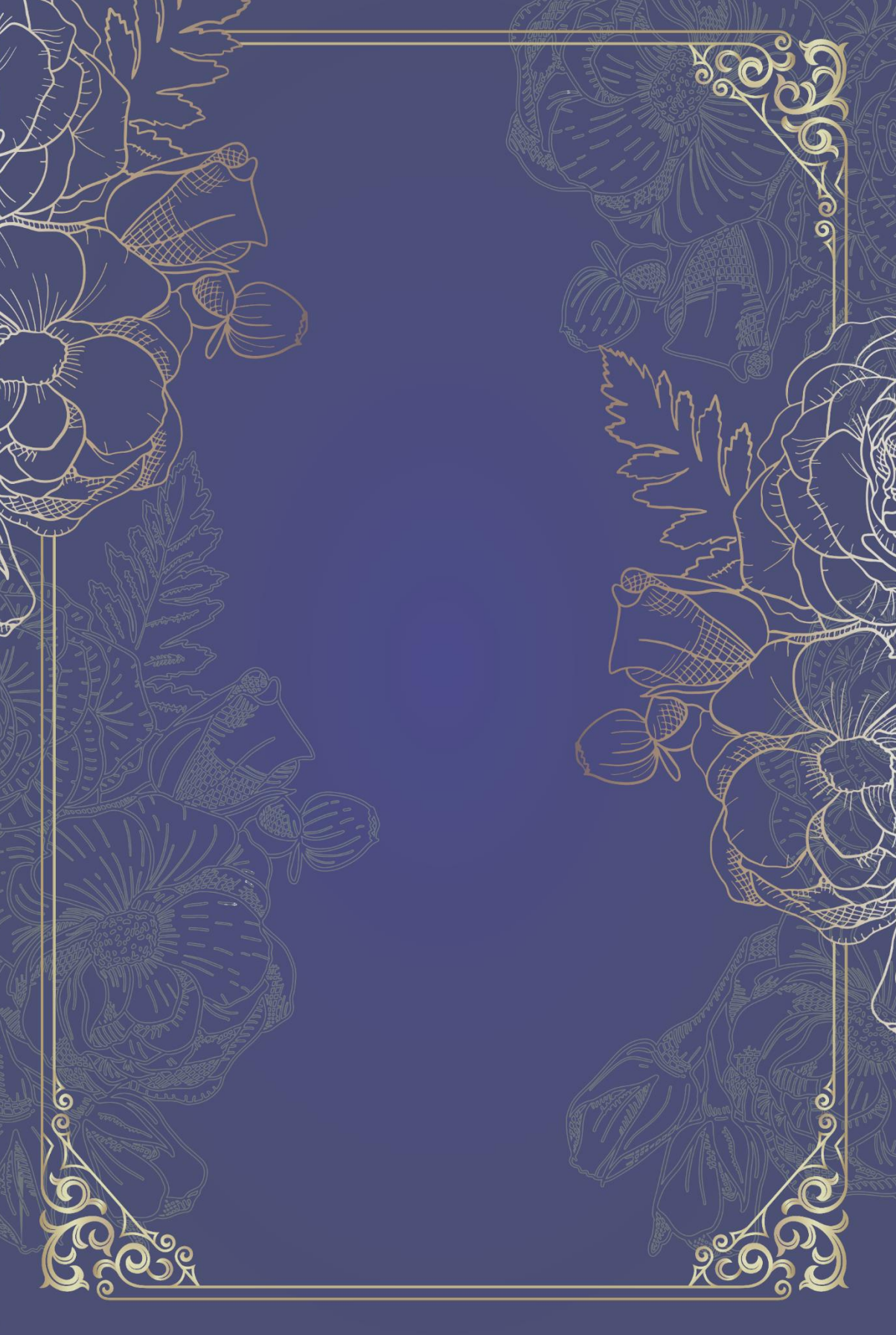
"Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem que assim é que a natureza compôs as suas espécies."

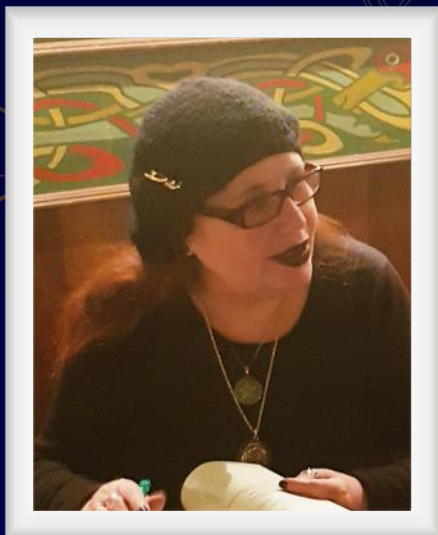
Machado de Assis

Sumário

Adela Rubio Calatayud	10
Ainê Pena.....	13
Aline Venutto.....	16
Andreia Caires	18
André Tenório	21
Annalies Borges	24
Barbara Cardoso.....	27
Bete Pereira	29
B. M. D. Oliveira	32
Cleide Carvalho	35
Cristiane Dagostim.....	37
Djany de Carvalho	40
Elaine dos Santos	45
Eliane Oliveira	49
Elimara Rocha	52
Érica Fernandes.....	54
Fábio Plus Sieger Klein	56
Inez Ramos Crespo.....	59
Jessé Maia de Oliveira.....	63
Jonas Bandeira	66
José Olívio.....	68
Karol Costa	71
Leacide Moura.....	74
Leila Nunes	76
Luzia Freitas.....	80

Maah Figueiredo	84
Manoel Pena	87
Mário Luiz Amorim	91
Michelle Bianchi	95
Mirelle Anhuci	97
Nádyá Gurgel	100
Nelson Aguinaga.....	103
Sandro Brustolin	105
Verônica Bandeira.....	108
Biografias.....	111
Participantes	119
Alguns Depoimentos... ..	123





Adela Rubio Calatayud
Mediana de Aragón, España

Adela Rubio Calatayud

TU MORADA DE HIELO Y ESCARCHA

Del Poemario: Lunas de Hiedra y Miel

Tu morada
de hielo y escarcha
es la última frontera
del recuerdo.
Camino hacia ti,
hacia ti
que lloraste
lágrimas de silencio
y dolor al alejarte.
Ángel Oscuro,
Guerrero de la Niebla
luchando
en mil batallas solitarias.
El amor
pasó a tu lado
y te rozó apenas,
hiriendo tu carne,
desgarrando tu corazón.
Tu alma sangraba.
Último
Guerrero de la Noche,
amante de la luna
que te abrazaba

bajo el manto
de nieve y de añoranza.
Hacia ti camino
porque mi sueño
también sangra
lágrimas de espinas.
Porque tú eres mi frontera.
Si me abres la puerta
me quedaré contigo
tejiendo eternidades
en tu morada
de hielo y escarcha.



Ainë Pena

Brasília - DF

Ainê Pena

Presidente, AICLAB

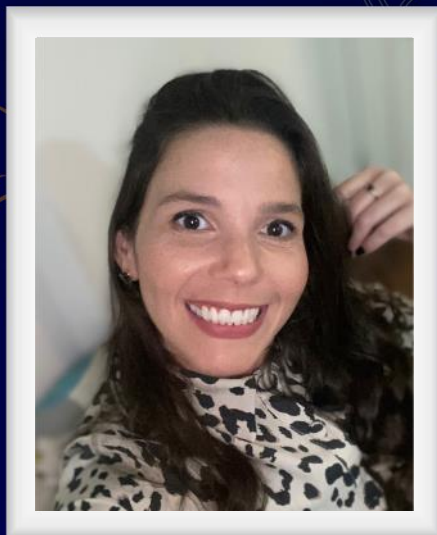
AMOR MEU

vem meu amor
me abrace por favor
me faça sentir de novo
o seu calor
me aqueça nesta manhã fria
o inverno já chegou
e estou só

vem, me beije
com seus lábios quentes
me permita sentir
seu respiro quente
que me faz permanecer viva
sabendo que ao meu lado
tem alguém, mesmo que calado

Meu querido amor
vem de mansinho
me faça um carinho
e me abrace apertado
para sentir seu coração
batendo forte contra meu peito
para manter o meu
em seu ritmo perfeito

vem amor meu
ou que um dia já foi meu
deixe que o chocolate
eu mesma o faço com canela
como nos velhos tempos
vem me fazer viva novamente
sendo só meu
de hoje até o para sempre



Aline Venutto
Belo Horizonte - MG

Aline Venutto

RELEMBRA-TE SEMPRE:

a sua verdade não é a minha,
os seus deuses não são os meus,
a sua solidão não é a minha,
os seus valores não são os meus,
as minhas dores não são as suas,
seus pés nunca calçarão os mesmos sapatos que os meus,
o meu coração não é o mesmo que o seu,
o meu coração não é o seu!

Seja tolerância!
Seja resistência!
Resiliência,
mas antes e acima de tudo paciência e acolhimento.
E não se desespere,
somos, porque somos juntos,
na partilha de tudo que chamamos de desigual,
é que estamos e somos ainda mais próximos.
E quanto mais distantes e antagônicos nos portamos,
menos percebemos que emaranhados estamos,
complementamo-nos,
e fingimos desconhecer esse alarme vital.

Lembrar que viver é breve
mas amar é sempre longo, muito longo ...
e ainda bem!



Andreia Caires

Arujá - SP

Andreia Caires

OS DEGRAUS DA BOA-AVENTURANÇA

Não sei se é defeito de fábrica ou me tornei assim mesmo, mas o fato é que sempre fui justiceira, aquela confrontadora e, com isto não preciso dizer que ganhei um belo círculo de amigos e, até inimigos. Se eu entendesse que algo era injusto eu peitava, fosse quem fosse. Com o tempo e depois de muito quebrar a cara fui lapidando o discurso, pois eu via que perdia a razão quando era grossa.

As vezes queremos ter razão e sinceramente na maioria das vezes temos razão, mas a nossa soberba já nos faz errados. O tal “esfregar na cara do mundo” quase me matou. Aquela mania de mostrar a galáxia inteira que eu tenho razão.

Claro que quando eu era jovem isso era mais forte em mim. Seja na escola, no trabalho, depois com o tempo nos protestos de rua, em causas sociais... não era em minha defesa apenas, lutava bravamente por outras pessoas e, por aquilo que achava correto. O que houve comigo? Fiquei covarde? Jamais!

O que acontece é que agora eu estou noutra “fase borbolística”. A fase que preciso entender que antes de sair por aí feito um “vingador” eu preciso aprender a “bem-aventurança” que Cristo falou. Ele fala sobre os pobres de espírito, também daqueles que choram e, dos humildes! E, se eu for a “dona da razão” como irei aprender isso?

Ou seja, primeiro eu me curo pra depois curar outros e aí sim, lutar por justiça. Quando eu entender que a humildade

é o principal degrau para minha transformação serei a borboleta mais feliz!

Eu busquei por justiça, por verdade, por tudo o que achava certo e não desconsidero o que fiz. Naquele momento e fase da minha vida era o que eu precisava fazer e sentia que deveria fazer. Agora a maturidade chegou para me fazer voar com cautela, sondando o terreno. Isso é sabedoria e, sem contar que preciso cuidar do tom das minhas asas. Não permito que desbotem por causa da toxidade desse mundo.

O que quero dizer com esse texto? Cuidado com o "Eu", o "Eu faço". "Eu aconteço", "Eu sou o melhor..."

Sem as bem-aventuranças não somos nada! Apenas nos inflamamos em discursos intermináveis que não curam e sim, nos adoecem.



André Tenório

Cabo Frio - RJ

André Tenório

USUCAPIÃO

Seu Carlos Alberto estacionou o carro numa rua pública, em frente a casa de seu amigo Juan. Foi uma tarde agradável. Há muito Juan aguardava a visita do amigo.

Hora de ir embora e, quão grande não foi a surpresa de Seu Carlos Alberto ao ver que havia um elemento e uma criatura dormindo no banco traseiro de seu carro. Agarradinhos. Ele até acharia linda aquela cena romântica. Não fosse o fato de que ela acontecia sem sua permissão dentro de sua propriedade.

Algumas batidas no vidro e na porta. Batidas fortes. Fizeram barulho.

Não fizeram foi resultado.

- Ô, Família Bela adormecida! Serviço de quarto. Acabou o período. Paguem pela estadia e pelo que vocês consumiram no frigobar e vão seguir o caminho de vocês!

O elemento acordou em sobressalto e ainda se sentiu no direito de não gostar. João Marcelo era nome dele. Ele apontava para um papel colado no para-brisa dianteiro enquanto falava: - Ôôô, que isso? Tá pensando que isso aqui é a casa da Mãe Joana? Não sabe ler o aviso?

Incrédulo, Seu Carlos Alberto foi ver o pergaminho em que se lia: "Recém-casados. Não perturbe!"

- Vocês vão sair daí por bem ou por mal? Podem ir tirando o cavalinho da chuva, que vocês não vão acasalar dentro do meu carro não!

Maria Fernanda, que havia acordado com o falatório, limitou-se a gritar olhando nos olhos de Seu Carlos Alberto:

- Perdeu, mané! "Usocampeão!"

- Que mané usucapião, o quê? Podem sair daí agora, senão vou chamar a polícia.

João Marcelo foi didático em sua explicação.

- Sim, claro! Vai chamar a polícia, nós não vamos sair. Vai ter que acionar a justiça e, fatalmente nós iremos perder. Mas vamos ficar recorrendo até que o processo vai parar no Supremo.

Maria Fernanda, observou triunfante: - O senhor tem realmente esperança disso estar resolvido antes de, pelo menos, vinte anos?

João Marcelo arrematou: - Pois é...! Depois de cinco anos a gente entra com o pedido de "usocampeão" e continua deixando o processo rolar. Quando decidirem julgar, o fato gerador já terá perdido a razão de ser porque o "usocampeão" já terá sido consumado e a motivação do seu processo já terá virado letra morta.

Impossível descrever o brilho nos olhos de Maria Fernanda ao encerrar a discussão: - A voz do povo é a voz de Deus: a justiça tarda, mas não falha. "Usocampeão". É o que "temo" pra hoje. Aceita que dói menos!



Annalies Borges

Fortaleza - CE

Annalies Borges

ENTRE ALVOS E TRINCHEIRAS

O alvo na mira é sempre o acaso. Nunca se sabe ao certo que corpo atravessará nossas dores, nosso caos, nossas doenças e loucuras. É o dia, o instante, um segundo que antecede a ira que decidirá futuros.

Estranha relação que temos com o que está submerso. Hoje em dia, a bolha está sempre por um triz. São muitas as mentes equilibrando-se numa capa fina de sanidade. A sensação é, sem dúvida, a de que, ao mínimo encontro, BOOOM! Tornamo-nos alvo e mira. Ponto de fuga de nossas incertezas.

É assim que se traduzem os encontros corridos e nada humanos, o esbarrar no outro, o barulho no trânsito, o telefonema indesejado, as contas não pagas, o furo na fila, o atraso do ônibus, o atraso do amigo que pegou o ônibus atrasado, um não, os excessos de 'sim', a discordância, a concordância. Tudo parece alfinetar o solo incerto de nossas escolhas.

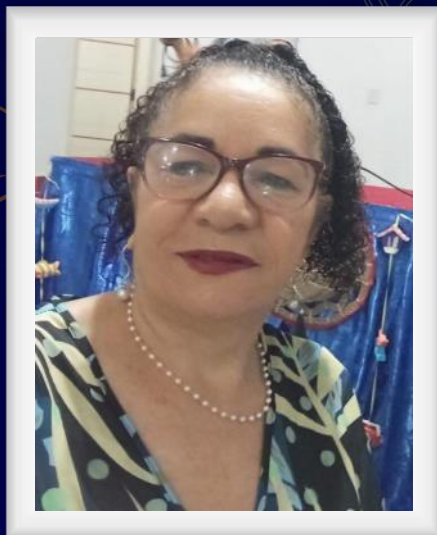
Acreditávamos que na virtualidade poderíamos driblar essa agressiva existência. O outro não está ali, ao alcance. Basta um clique, e tudo se desconecta. Ou se reconecta. No tempo virtual, tudo cabe; você ultrapassa a lei da física e está em vários lugares. Vã ilusão.

Virtuamo-nos e nos tornamos ausentes. De nós mesmos, do outro, do sensorial da vida, de tudo, enfim, que nos torna humanos. De ferramenta de auxílio, as máquinas já

são suportes de vida sem estarmos em hospitais. Presos somos a celulares, computadores, criadores de pseudo-eus que navegam solenes pelas tantas e tantas redes sociais, que nos tornam cada vez mais antissociais. E lá também expomos nossas fraquezas e o ódio do que não se encaixa no quadro binariamente sonhado por nosso id. Logo ali, onde deveríamos estar seguros pelos algoritmos que nos guiam, ainda nos deparamos com a possibilidade do outro adverso. E lá vamos nós erguer trincheiras de cancelamentos, bloqueios, textos e mais textos, memes, *fake news*, tudo que sirva para nos armarmos contra aquilo que maculou nosso retrato dalinesco.

E então, nos desumanizamos ainda mais...

É tudo tão exaustivo, que até entendo aqueles que abdicam de todas essas vivências virtuais e não-virtuais e vão viver num território insípido, vazio de seres que já foram humanos. Vivem em contato com a solidão e a natureza. Ambos talvez façam mais sentido na busca por seu ser humanizado.



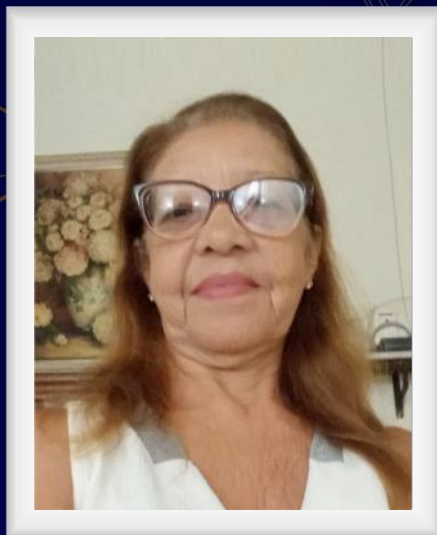
Barbara Cardoso
Abaetetuba - PR

Barbara Cardoso

O AZUL METAVERSO

Um sorriso, uma vida.
Meus anjos azuis.
Mundo, mundos, mundis.
Onde estás menino azul?
Onde estás menina azul?
Me mostra teu mundo anil.
És topázio azul?
És safira azul?
És turmalina azul?
Que trilha azul percorres menina, menino azul?
Teu sorriso azul me leva a trilhar teu caminho.
Me permite entrar em seus mundos.
Entrelaçar nossos mundis.
Azul da inclusão,
Azul da diversidade,
Azul do metaverso.
E vosso coração? é azul?
Óbvio. Pulsa no metaverso de sonhos,
amores e paixões.

*Aos meus netos TEAs:
Justino Neto e Beatriz Bentes.*



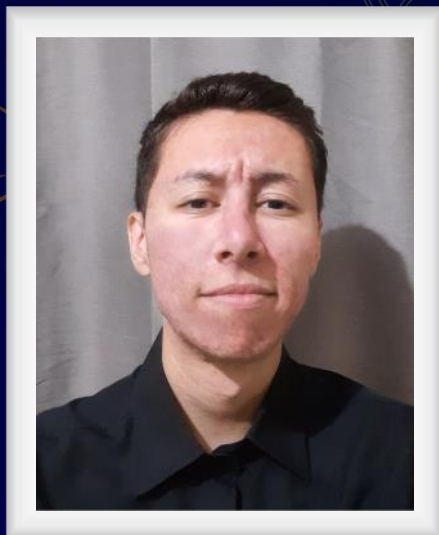
Bete Pereira
São Gonçalo - RJ

Bete Pereira

TEMPO

Às vezes tão apressado
Outras vezes tão vagaroso
Corre quando não queremos
E fica lento quando não esperamos
Às vezes tão distraídos, nem reparamos
E ele vai passando
Esquecemos de vivê-lo
E depois queremos que volte
Ah! Santa Inocência!
Ele jamais volta
Tempo herói e inimigo
Criança, queremos que passe rápido
Ansiedade de crescer, de ser adulto,
Porém logo percebemos, que ele é valioso
Então perdemos a pressa
Precisamos viver cada sonho.
E lá vem as marcas do tempo
Riscar, todo nosso rosto
Como registros de uma vida.
O tempo vai passando,
E nossa eterna preocupação
São as horas que passam lentas
E vamos seguindo a vida

Com este aliado constante,
Sem prestar muita atenção
Nos anos que já se foram
E que não mais voltaram,
Mas os dias que vivemos
Tempos de dúvidas e sonhos
Mergulho de olhos fechados
No tempo que ainda disponho
Tempo de olhar a lua, o verde e as montanhas.
Vou caminhando com o tempo
Em paz e vivendo meus sonhos.



B. M. D. Oliveira

Taubaté - SP

B. M. D. Oliveira

UM ROSTO ALHEIO NO ESPELHO

Cativo em meu interior, capeado,
Clamando por mim mesmo, desamparado,
A sós com meu retrato, invalidado,
Cercado de opressão, amargurado.

Um campo minado à frente,
Meu coração palpita incessantemente,
Eu corro calado, buscando respaldo,
Nenhum aliado ao meu lado.

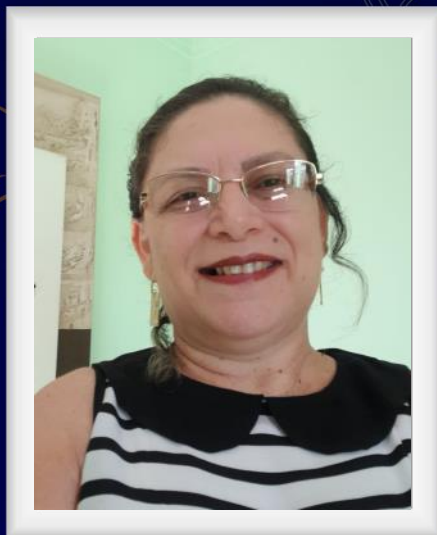
Uma fantasia, doentia,
Que fere, que corta, que mina,
Sem folga ou arredo, desprezo,
Um rosto alheio no espelho.

Me tornar inteiro, ilusão,
Sempre anseio, em vão,
De olhos fechados, imagino,
Pois o concreto é uma decepção.

Refém das areias do tempo,
Visando quem cante meu nome,
Meus cortejos infrutíferos,
Às vistas desse aspecto disforme.

Perdido no escuro, eternamente,
Vivendo de migalhas, independente
Me arrastando, consumido, carente,
Lutando contra minha própria mente.

Submerso em meu tormento,
Nessas águas escuras e amargas,
Me debatendo em desespero,
Meu ser extinguido, afogado em desgraça.



Cleide Carvalho
Conceição do Canindé - PI

Cleide Carvalho

A DOR DA PERDA

à Carlos José de Carvalho (In memoriam).

Dor...

Dor que sufoca;

Dor que dilacera;

Dor que o coração acelera e rasga a alma quando se perde um irmão.

A dor da perda, só acontece quando existe amor.

Amor...

Amor fraterno;

Amor verdadeiro;

Amor incondicional;

Amor de irmão é abraço espontâneo.

Você está em mim e eu em você, no nosso sangue,
na nossa carne, no nosso DNA, não existe perda.

A perda...

A perda com a sua partida inesperada;

A morte não é tristeza, a morte é alegria;

Alegria pela passagem e o coração queimando em saudades;

Os sentimentos se misturam, embaralham:

dor, amor, perda, felicidade.

Felicidade, feliz, fico em saber que você foi para o plano definitivo, a morada que todos os irmãos se encontrarão.

Irmãos, sempre irmãos;

Te amo e sempre te amarei.

Somos onze e onze foram todos irmãos formados pelo Criador.

Exatamente!!



Cristiane Dagostim
Balneário Rincão - SC

Cristiane Dagostim

UM JARDIM DE LEMBRANÇAS: O FRUTO DA GRATIDÃO

No coração da Vila Esperança, havia um jardim especial. Não um jardim comum, mas um espaço de memórias e gratidão, onde cada flor, arbusto e árvore carregava uma história de alegria ou bondade. Pertencia ao velho Joaquim, cuja vida estava profundamente entrelaçada com a beleza de cada pétala e folha.

Joaquim, conhecido por sua sabedoria e serenidade, caminhava pelas ruas da vila com um sorriso gentil, oferecendo conselhos e ouvindo os vizinhos. Seu jardim era seu refúgio para refletir sobre a vida e suas bênçãos.

Certa vez, Ana, uma jovem artista em dificuldade, decidiu visitar Joaquim. Ela se sentia desiludida e sem inspiração. Ao chegar ao jardim, encontrou-o podando uma roseira e sorriu ao vê-la. "Bem-vinda, minha jovem. O que traz você ao meu jardim hoje?"

Ana hesitou, buscando palavras para expressar seu desânimo. "Estou passando por um momento difícil e pensei que talvez uma conversa com você me ajudasse."

Joaquim convidou-a a sentar em um banco coberto de pétalas caídas e sugeriu um passeio pelo jardim. Ele falou sobre cada planta e flor, como a lavanda, que simbolizava paz, e a margarida, que representava simplicidade e sinceridade.

Ana começou a sentir uma leveza no coração. Ele a explicou: "Cada planta tem uma história. Assim como o jardim é cuidado, nossa vida também deve ser cultivada com

gratidão". Mostrou-lhe uma árvore frondosa com frutos maduros. "Esta é a árvore da gratidão. Cada fruto representa algo pelo qual somos gratos. Precisamos refletir sobre o que temos, não apenas no que nos falta."

Joaquim pediu a Ana para escrever algo pelo qual fosse grata e pendurá-lo na árvore.

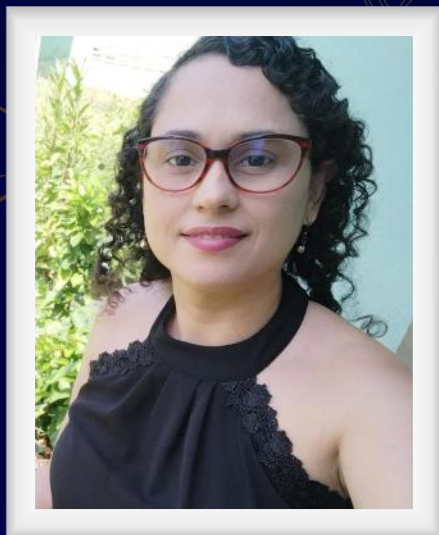
Ao fazer isso, ela lembrou as pequenas coisas boas em sua vida: o apoio de amigos, as tardes de sol e as risadas em família.

"Veja a árvore", disse Joaquim. "Cada folha e fruto representa parte de sua jornada. A vida é feita de pequenos momentos que, juntos, criam algo belo."

Ana olhou para a árvore e sentiu um calor reconfortante. As palavras de Joaquim começaram a fazer sentido. O jardim não era apenas um espaço físico, mas uma metáfora para viver com gratidão pelas coisas boas que muitas vezes tomamos por garantidas.

Ao final da visita, Ana agradeceu a Joaquim, dizendo que suas palavras a ajudaram a valorizar as pequenas coisas em sua vida. Ele a observou partir, satisfeito por ter tocado mais uma alma com a beleza de seu jardim e sua sabedoria. Enquanto o sol se punha sobre a Vila Esperança, o jardim de gratidão permanecia como um farol de esperança, lembrando a todos que, apesar das dificuldades, sempre há algo pelo qual ser grato.

Ana voltou à sua vida com um novo olhar, mais leve e grata, reconhecendo que a verdadeira beleza e alegria vêm da capacidade de valorizar os momentos e pessoas que enriquecem a vida. Joaquim continuou a cuidar de seu jardim, compartilhando lições de gratidão e beleza com aqueles que passavam por sua vida, um constante florescer de lembranças que formavam o verdadeiro valor da vida.



Djany de Carvalho

Fortaleza - CE

Djany de Carvalho

VAMOS VER O PÔR-DO-SOL

Era domingo e, como de costume, eles acordaram tarde. Aquela preguiça de ficar sob os lençóis aproveitando a troca de carícias deixava o dia ainda mais gostoso. Eles sempre tinham mil atividades para fazer, uma infinidade de pessoas para encontrar, mas naquele momento, nenhum dos dois estava preocupado com isso. O casal só queria se deliciar em seu leito nupcial. Quando um pensava em levantar-se, o outro chamegava, e assim, continuavam a aproveitar aquele tempinho só deles. Ficaram conversando, se acariciando, até que ela disse: tenho fome! Quero café!

Aquela frase soou para ele quase que como uma sentença: era o sinal de que, se não tomasse café, em breve, ela ficaria brava. Então, mesmo sem querer, ele aceitou que era hora de se levantar. Tinham que providenciar esse café da manhã dela. Por ele, podia ficar sem, afinal, ele não sentia fome pela manhã, e não tinha o hábito do desjejum.

Decidiram levantar-se e, ao encararem o relógio: que susto! Já passava de meio dia! E agora: tomar café da manhã ou almoçar? Se entreolharam e, não decidiram nada sobre isso. Em contrapartida tomaram banho, se arrumaram e logo saíram de casa. Sem nada programado, saíram dirigindo sem rumo, embora tivessem lido algumas vezes placas que continham a seguinte informação: sertão-praia.

Nesse percurso encontraram muitos estabelecimentos em funcionamento. Em alguns, enormes filas. Apesar da

vontade de comer, nada daquilo apetecia a esposa faminta. Apesar de esfomeada ela não havia decidido ainda o que queria comer. Nessa peleja, seguiam dirigindo até que, de longe, ela avistou um estabelecimento com uma arquitetura paisagística exuberantemente linda e decidiu: é ali!

Sem sequer saber que tipo de cozinha o restaurante oferecia e, principalmente, que valores cobrava, eles decidiram que a refeição seria feita naquele local. E assim foi! Entraram e, estranharam, pois, embora houvesse cliente sendo atendido, havia ainda muitas mesas vazias. Lembraram dos vários equipamentos com filas ou com capacidade completa que haviam encontrado pelo caminho. Embora aquela pompa estrutural do restaurante denunciasse que os valores poderiam ser um dos motivos de escassez de clientes, eles, talvez, anestesiados pela letargia que ainda os consumia, não atentaram para tanto!

Sentaram-se e aguardaram o garçom. Este chegara prontamente entregando ao casal dois livros gigantes e robustos, ambos com capa de couro. Se tratava do cardápio e da carta de vinhos. Entregou-lhes e disse que prontamente viria para tomar nota dos pedidos. Tão logo ele se afastara, o casal começou a folhear aqueles luxuosos livros. E, à medida que passavam as páginas, desesperavam-se. Embora maravilhados com tantas fotografias lindas, todas elas ao lado dos textos que apresentavam os pratos, estavam incrédulos com tantos números. Não era apenas caro, era estratosféricamente caro. Eles se entreolharam e puseram-se a rir. Sim, rindo de nervoso. Embora não tivessem comentado nada ainda sobre aquelas cifras, os olhares que trocavam em meio às gargalhadas, dizia tudo: que estamos fazendo aqui?!

E seguiam rindo, um acreditando que o outro tinha um plano para que ambos conseguissem sair daquela situação de

completa “saia justa”. Passaram-se 5 minutos e eles ainda riam. Passaram-se 10, e eles seguiam sem saber o que fazer. Até que o garçom retornou e, ao perguntar o que eles desejavam pedir, a moça disse: estou grávida e desejando cuscuz com ovo e queijo coalho! Sem parecer acreditar no que ouvia o garçom disse-lhe que seria impossível atender aquele pedido, o restaurante jamais servira tal iguaria.

Diante da negativa do garçom, ela então mencionara que não poderia ficar uma vez que seu pedido não seria atendido. Com aspecto sério, olhou para o esposo e disse: querido, vamos! Não posso correr o risco de nosso filho nascer com cara de comida. O garçom, desconcertado, pediu perdão e ainda quis oferecer sugestões de pratos. Mas ela, dando uma de aborrecida, levantou-se e saiu, acompanhada de seu esposo. O casal saiu como se estivesse chateado. Mas, ao chegar ao estacionamento, entraram no carro e puseram-se a gargalhar imensamente! Ele, ainda sem acreditar da faceta atriz de sua esposa que os salvara de uma situação embaraçosa.

Ela riu tanto que sua fome aumentou. Ele, por sua vez, agora também queria comer. Talvez sua fome tenha sido acordada pelo susto e pela emoção que aquela situação despertara. E, agora, o problema estava maior: ambos estavam famintos. Onde iriam comer se todos os lugares por onde passaram estavam lotados?

Aliviada a gaitada, e considerado que estavam próximos à praia, ela então o convidou para fazer um dos programas que ela mais gosta: ver o pôr-do-sol. Ao chegar à praia encontraram várias pessoas oferecendo lanches, quitutes, sucos, bebidas alcoólicas e água de coco. Escolheram um lanche rápido para que pudessem apreciar a beleza do pôr-do-sol. E assim foi!

Apesar de terem iniciado o domingo de uma maneira nada convencional, de terem ficado sem comer, ao fim do dia, ganharam um presente inolvidável: aquele fora o primeiro pôr-do-sol deles como casados.



Elaine dos Santos

Restinga Seca - RS

Elaine dos Santos

SOBRE HISTÓRIAS QUE SE REGISTRAM E MEMÓRIAS QUE SE CULTIVAM

Nasci numa pequeníssima cidade, quase no coração do Rio Grande do Sul. O parto de minha mãe, aos 30 anos de idade, ocorreu no hospital, era uma segunda-feira de Carnaval e, segundo ela, por volta das 16h, quando caía uma garoa fina sobre a cidade.

Os primeiros anos da minha vida foram vividos nas cercanias do córrego que ensejou a construção de uma caixa d'água para abastecer as velhas locomotivas, que cruzavam por ali, e que, mais tarde, no final do século XIX, fizeram surgir uma estação férrea. Sou, portanto, cria das margens do córrego, das margens da linha.

Não estou sozinha nessa "marginalidade" geográfica, caminhei pelo mesmo solo em que, 50 anos antes, o menino Iberê Camargo, um dos maiores pintores expressionistas do Brasil da segunda metade do século XX, também caminhou, brincou, sonhou. Se 50 anos nos distanciam no tempo, o amor pela pequena Restinga Seca, terra que nos viu nascer e crescer, nos aproximará pela eternidade.

Restinga Seca nasceu castelhana conforme o Tratado de Tordesilhas, celebrado entre portugueses e espanhóis, antes que o Brasil fosse achado pelos navegantes portugueses. Em 1750, com o Tratado de Madri, o povoado ainda não existia, mas, às margens do Rio Jacuí, encontraram-se Gomes Freire, um dos comandantes portugueses que deveria tomar posse

dos Sete Povos das Missões, e indígenas missionários, entre acertos e desacertos, um armistício foi assinado e a queda final dos Sete Povos foi retardada.

O mesmo Tratado de Madri determinaria a passagem dos demarcadores das linhas de fronteira por esta terra, então já nominada Restinga Secca, era o ano de 1787. Ela viria a ser citada novamente no diário de viagem de Saint Hilaire, um dos mais importantes viajantes europeus a cruzar o Rio Grande do Sul, entre 1820 e 1821.

O rio Jacuí está completamente imbricado à nossa História: logo depois da Guerra dos Farrapos (1835-1845), mandou-se erigir uma ponte para a passagem de tropas de gado, ela funcionou entre 1871 e a Revolução Federalista (1893-1895), quando foi destruída por grupos rivais. Antes disso, sobre o rio Jacuí já se construía a ponte férrea que seria fundamental para a ligação entre Porto Alegre, capital da Província, e Uruguaiana, na fronteira com a Argentina, era o ano de 1885.

No mesmo ano, foram inauguradas a estação ferroviária e a caixa d'água de Jacuí; a estação ferroviária de Estiva e, no local em que hoje está a sede do município, uma caixa d'água. Por volta de 1898/1899, começaria a funcionar a estação ferroviária de Restinga Seca. Nela, em 18 de novembro de 1914, nasceu Iberê Camargo.

Os estudiosos da pintura do artista reconhecem um traço de solidão. De fato, postar-se na plataforma ou andar sobre os trilhos leva-nos à imensidão da linha férrea que se perde entre campos, bandos de quero-quero, que, ainda hoje, sobrevivem; faz-nos ver a sanga/o córrego que deu origem ao povoado, hoje, cidade; as várzeas, as colinas e, de novo, olhando para o córrego, a certeza que ele caminha para o rio, depois, para outro rio e outro rio até encontrar o oceano.

Nos dias em que a saudade bate mais forte, eu gosto de revisitar aquela paisagem. Encontro as lembranças dos meus avós e dos meus pais. As histórias (lendas urbanas) contadas pelo meu pai – pródigo em guardar memórias, preservar memórias.

Ele gostava de falar na massa de homens que circundavam a estação férrea nos tempos em que os trens de passageiros funcionavam: os vendedores de pastéis, os carregadores de malas e os vadios – que abrilhantavam a plataforma para alegria dos que seguiam viagem.

Lembrava os passeios pelos campos, as benzedadeiras que conhecia; a minha mãe, de origem germânica, gostava muito de visitar velhas taperas, com árvores carregadinhas de frutas, árvores plantadas e deixadas ali por gente que se fora e a natureza que seguia cumprindo o seu destino.

Os meus pais se foram, as suas lembranças persistem e me esforço – muito – para continuar contando histórias. A cidade não é a mesma, modernizou-se, há casas bonitas, em conformidade com as tendências arquitetônicas, mas falta emprego e geração de renda para os mais pobres. Uma lástima.

O hospital sobrevive; mas o clube que recebeu tantos bailes de Carnaval está prestes a ruir. O que nos faz seguir em frente? As crianças que nascem nas franjas da cidade, as crianças cheias de esperança como o foi Iberê Camargo, filho de ferroviários, que ganhou o mundo: Nova Iorque, Paris, Milão, Tóquio, com sua arte, com sua sensibilidade. Sou professora, partilho conhecimento todos os dias, não mais formalmente em sala de aula, estou aposentada, como cidadã...sigo acreditando num país mais justo, mais humano.



Eliane Oliveira

Rio de Janeiro - RJ

Eliane Oliveira

ODE AO AMOR

Amor é cumplicidade. Amor é verdade.
Nele, não pode haver falsidade.
Ou não tem essa de cara metade!

Amor é doação. Amor é preocupação.
Em não magoar... E- de fato- se importar!

Amor é sublime. Amor redime!

Amor é perdão, quando oferecido de coração!

Amor é tudo isso e mais um pouco.
É estar sempre, um ao lado do outro.

Na alegria e na tristeza.
Nas horas mais pesadas e nas de leveza.
Amor se constrói.
E- Nem circunstância adversa o destrói.

Amor resiste ao tempo.
Pois, o que vale mesmo, são os bons e eternos momentos.

RESSIGNIFICAR É...

Transformar dores em alavanca.
Das pedras, fazer um castelo?
Talvez, assim, o caminho vai se tornando
mais leve e mais belo.
Trazendo com ele a esperança.

Ressignificar é...

Fazer do limão, a limonada?
Não mais ser vítima durante a jornada?

Nem esconder a angústia que teima em ficar?
Que 'a partir dela', voltar para si mesma e começar a se amar?

Ressignificar é...

Não se tornar aquilo que a feriu.
Nem lamentar quem ficou ou partiu.

É levantar-se da queda: uma, duas, três...
Ou quantas vezes forem necessárias.
Tendo a plena certeza de que
'assim' como as lutas e labutas da vida
estarão, sempre presentes.
Só cabe a mim e a você trilharmos
essa linda jornada com o coração, alma e
espírito satisfeitos e contentes.

Então...
Resta-me dizer: Resignifique-se!



Elimara Rocha

Brasília - DF

Elimara Rocha

AMOR ESQUECIDO?

Amei alguém, não lembro quem
Meu amor nunca mereceu
Pois, do meu sentimento se abstém
Talvez por isso de mim se esqueceu

O meu erro, foi presentear meu coração
Cedo ou tarde demais?
Tratando estou dessa remoção
Mas o que importa se já não é mais?

O tornei sentimento extinto
Depois de tanto tempo suprimindo
O impacto profundo e distinto
Da mais pura sensação e bem-vindo

Depois do processo, se alguém me perguntar direi:
Amei alguém, não lembro quem.



Érica Fernandes

Fortaleza - CE

Érica Fernandes

QUEM ESCREVE

Quem escreve atravessa silêncios,
constrói pontes entre a realidade e a ficção,
transcende a alma, dá asas à imaginação e
materializa em palavras parte de si e do mundo.

Quem escreve escreve à procura de si e do outro.
Quem escreve experimenta a liberdade.
Quem escreve liberta vozes, memórias e palavras.

Quem escreve semeia criação,
liberta pensamentos e fruição,
revela mundos, tece destinos e
inspira coragem.

Quem escreve rompe,
com o fio afiado da navalha, a ignorância.
Quem escreve faz da escrita fortaleza,
revolução, refúgio e resistência.
Quem escreve vira poesia e firmamento.



Fábio Plus Sieger Klein
Cunha Porã - SC

Fábio Plus Sieger Klein

O JOGO TOLO

Você pensa que conhecendo as regras,
Vai ficar mais fácil...
Entre a liberdade e o improviso,
Há sempre uma chance de errar,
Mas não é errado...
É apenas novidade.

Pensei que podia me sobressair.
Cruel engano! Vi que há mais em jogo.
Então pulei fora, ah, cruel engano,
mal sabia eu que estava num cerco!
Agora lastimo, por não poder ter outra chance....

Tolice! Pura tolice!
Quem disse que tinha que ser assim?
Até para errar há regras.
Às vezes, todos percebem a tudo,
Mas só às vezes!

Vaidade de vaidades, não há o que dizer...
Preciso me recolher, fuga estratégica.
Não sei se mexo com isso de novo.
Mas já o estou fazendo, de novo!
Num ímpeto pelo desespero...
Cavei fundo, receio ter sido em vão!

Se houvesse ao menos uma lágrima!

Eu saberia da glória...

Agora, só me resta lamentar,

Nem sei se é o que devo,

Mas há regras, e elas me perseguem,

Lastimo a dor de não ter tentado,

Quem sabe, teria conseguido.

Apiei desse cavalo, que si dane a maioria!

Cravei a espada, um dia, quem sabe, a usarei.

Mas até lá, Babel não me deterá.



Inez Ramos Crespo

Camaquã - RS

Inez Ramos Crespo

E SE...

E se voltasse...
As paredes não estariam tão nuas,
Tão geladas de inverno.

Voltaria aquela velha embriaguez
Melhor, porque a safra é antiga.

Vagalumes trariam luz na noite.
Olhos mornos refletiriam o brilho no olhar.
E haveria romance no quase escuro.

Se voltasse,
Teria este poema com alma envelhecida.
Falando de um tema,
Cantado por todos os poetas.
Mas que importa,

Teria sua volta em minha vida.

CLIPSIDRA

E quando não houver mais nada,
sobra o ruído do tempo.

Este depósito de lembranças,
escasso, convexo.
Fomenta a saudade.

Este trapaceiro, soberano,
rarefeito, tênue.
O dono do apito.

Sábio por nos manter tatuados
nas vivências,
nas prisões afetivas.

E quando não houver mais nada.
Falta o tempo.

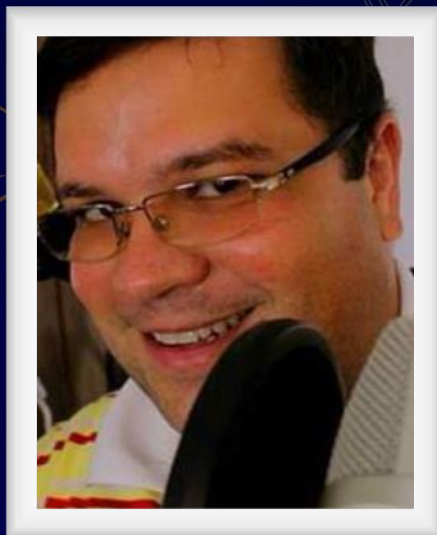
ESCANINHO

Na troca de sorrisos,
a história fez a curva.
O cursor fundiu a criatura amante
com a criatura amada.

A vida se mostrava sem cobertor.
Espelho e imagem refletida.
Olhos e bocas parturejaram o nós.

Descompassaram artérias.
Tufos arfantes.

Do desvio:
Almas Acoradas.
Retalhos ávidos.
Esporádicos resgates
nas veredas da história.



Jessé Maia de Oliveira

Belford Roxo - RJ

Jessé Maia de Oliveira

CAMINHANDO E CONTEMPLANDO UM SONETO MONOSTRÓFICO

Caminhando eu contemplo mil belezas
avistadas do close ao horizonte
em que o mar se conflui ao verde monte
em ponteios de mil delicadezas
ante as quais, dentre todas as certezas,
uma delas a mim está defronte:
a beldade constrói no ser a ponte
cujas luzes norteiam bem acesas
o que vejo bem claro no bailado
do seu corpo a mexer descompassado
instilando a mais terna poesia.
Pois contemplo seu fulcro de alegria
tendo exemplo da mais linda pintura
inspirada à mais rara tessitura.

GRINALDA POÉTICA

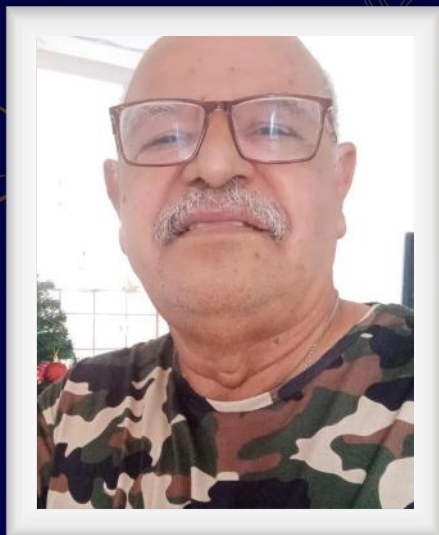
Surge no soturno escuro
a palavra mais seleta;
o versejo nascituro
na cabeça do poeta.

Na cabeça do poeta
há palavras em monturo
pondo a rima predileta
desvelando o bom futuro.

Desvelando o bom futuro,
a estrutura mais concreta
tamponando todo o furo.
A riqueza mais repleta.

A riqueza mais repleta
no dizer mais terno e puro.
Sabedoria completa
a transpor mais alto muro.

Na cabeça do poeta,
desvelando o bom futuro,
a riqueza mais repleta
a transpor mais alto muro.



Jonas Bandeira

Recife - PE

Jonas Bandeira

A MENINA E A ESCOLA

Menina cadê seu pai
Eu não sei senhor
Foi pra cidade grande
E nunca mais voltou
Minha mãe está doente
Em cima de uma cama
Sem poder se levantar
Acordo as vezes com fome
Sem ter nada que
Me alimentar
Vivo nas ruas
Pedindo esmolas
Quando consigo
Um trocadinho
Feliz um pouco fico
Volto pra casa sorrindo
Encontro minha mãe no seu cantinho
Pelo menos nesse dia
Vamos comer um pouquinho
Milhares de crianças
Meninos e meninas
Vivem essa história
É propagado em todo país
"Lugar de criança
É na escola"



José Olívio
Alagoinhas - BA

José Olívio

SERTANEJA

*Salve, Joaquina Maria da Conceição Lima! Vó Quininha
Socorro de Ouricuri - 24.04.1901 - 29.01.2000*

Minha avó inda faz renda
Ainda fia e faz crochê;
Tem cestinha de costura
Babam os netos de prazer!
Tem dedal na sua cesta,
Retalhos com sua história
Os bilros são do sertão
Cada qual tem sua glória.

Minha avó me conta casos...
Padim Ciço, Lampião
De almas do outro mundo
Que a terra foge do chão
Minha vó é o folclore
Que à minha família convém
Minha avó é a própria colcha
De retalhos que ela tem.

Os retratos que ela guarda
Que nos vive a nos mostrar
São almas do outro mundo
Primam com ela falar

Lindas rendas de lembranças
Ela está sempre tecendo
Quanto mais minha vó trabalha,
Mas vai rejuvenescendo.

Seu café inda é pisado
À lenha seu fogo é
Noz-moscada, velaninho
Fumo é do que faz rapé.
Minha avó foi quem me disse
Da Caipora, Lobisomem,
Do Pavão Misterioso,
Da mulher que virou homem.

Princesa da Pedra Fina,
Cancão, Pedro Malasarte...
Contar casos pra minha avó
É uma obra de arte
Minha avó já foi de engenho
Sabe tudo de caçada
Faz farinha... requeijão...
Arapuca, arma laçada...

De uma coisa se arrepende
De não ter sabido ler
Era pros moços do tempo
Cartas de amor não fazer
Minha avó ainda sonha
Um dia inda ler, coitada,
Sem saber que ela na vida
Há muito tempo é formada!



Karol Costa
Campo Grande - MS

Karol Costa

Diretora de Projetos, AICLAB

NÃO SE PREOCUPE

Isso mesmo, não se preocupe com aquilo que não depende apenas de você. Por muito tempo é exigido de cada indivíduo que tenha em suas próprias mãos o controle por tudo, mas a vida não pode ser controlada conforme a sua vontade. Pode contradizer o que foi dito, mas de uma forma simples te explico.

Todo dia você acorda com tudo planejado em sua mente, com certeza nem tudo que planejou conseguirá realizar naquele dia. Isso não quer dizer que fracassou, pelo contrário, apenas deixa claro que imprevistos acontecem no meio do caminho e a rota acaba sendo recalculado.

Hoje você pode estar com plena saúde e amanhã pode ser que não esteja da mesma maneira, afinal a vida é feita de altos e baixos a todo momento.

Quando se pensa no que poderia ter feito ou ter deixado de fazer, isso faz com que sua mente nunca pare de tentar recalcular a sua rota, todavia o que foi já aconteceu e não pode ser mudado, ou seja, se doou demais, se fez presente para quem nunca ligou para sua presença e nem sente falta por sua ausência. E o que isso te ensina? Isso te ensina que você deve ser sua prioridade e enxergar de fato quem tem a mesma consideração.

Lembre-se que todos fazem aquilo que acreditam ser bom a eles. Por que você não faz o mesmo?

Você quer salvar o mundo? Mas quem vai te salvar do seu mundo interior? As possibilidades são infinitas e isso pode até causar medo, insegurança, entretanto, se parar e respirar fundo vai perceber que o mundo não para ou você se levanta ou vai sucumbir.

Perdoe-se de verdade e tire do seu coração qualquer mágoa que tenha, isso é algo que aprende com o tempo e traz calma a sua alma.

Não se preocupe com o futuro, foque no presente e seja presente.



Leacide Moura

Macapá - AP

Leacide Moura

ARTHUR

No embalo da rede ele se agita
Para lá e para cá
Sorri olha em todas as direções
Levanta anda circula para pensa e imagina
Novamente dá corridinhas de um lado para o outro
O olhar de curiosidade para cima
Volta a embalar na rede e faz linguagens
Solta gritinhos felizes a embalar
Para lá e para cá na rede do encantamento
Chego perto peço beijo de avó
Ele, silenciosamente, dá um cheirinho de nariz
Mas me pega mão a me conduzir
Para outro recinto
E volta a se embalar na magia do ar
Para lá e para cá
Encantada fico a ver imaginar
No sorriso de Arthur
Tem sol dourado, tem um céu azul
No sorriso de Arthur
Passa um Rio transparente
Votam pássaros encantados
No sorriso de Arthur
Tem muita gente contente, tem mata verde
No sorriso de Arthur
Mora o mundo



Leila Nunes
Belém - PA

Leila Nunes

A CASA AZUL

Ficava no final da rua, o seu azul já estava desbotado em alguns lugares a tábua já aparecia, mas lá naquele lugar pequeno e aconchegante Ayla morava, tinha a companhia de seus dois irmãos e de seus pais. Papai trabalha com aeronaves e sempre viajava muito, mamãe sempre ficava com as crianças contando histórias e inventando brincadeiras sem fim.

Uma família linda, linda, eram ricos, tinham um quintal mágico, cheio de cajueiros, açaízeiros, jambeiro e o mais lindo de todos o grande murucizeiro.

Todas as manhãs Ayla abria a porta do quintal e recebia no rosto os raios do sol e corria com os cabelos soltos com um saquinho na mão para catar os carocinhos de muruci que cobriam o chão com um amarelo lindo e um cheirinho inigualável.

Ayla estava animada, pois no canto da casa, criou uma casinha com o tapete de retalhos coloridos da mamãe, com as tampinhas de garrafas fez seus copos, os pratos eram as os pires das xícaras que pegou emprestado da cozinha, ah mas tinha um fogão vermelho de plástico e eram de quatro bocas, seu guarda roupa era de caixa de sabão em pó e tinham duas portas, a cama era uma caixa de maizena, os lençóis eram retalhos, tinha uma única filha, era careca e só mexia os braços. Ela passava horas arrumando a sua casa, fazendo comida e lavando roupa, mas depois das tarefas prontas

sempre contava uma história linda para sua filha, pois o era uma vez tinha que acontecer pelo menos uma vez no dia.

Chegou a hora da escola, se arrumou e deu uma olhadinha em sua casa e já com o coração cheio de saudade do cantinho encantado da casa azul, admirava tudo até o papel de presente que havia feito quadros para enfeitar sua sala e foi para a escola, passamos pelas pedrinhas e piçarra da rua, olhou o céu lindo e azul, viu os peixinhos ao atravessar a ponte sobre o igarapé com de coca cola e respirou fundo sentindo o cheirinho bom de um dia que já entardecia.

A aula foi boa, aprendeu sobre os verbos e fez a leitura da Doroteia a centopeia, como era feliz a Dorotea, quantos sapatos tinha, mas Ayla só queria o sapato vermelho pois era o que mais brilhava, mais uma atividade e pronto a aula acabou. A vontade de voltar para casa era muito forte, logo foram ao ponto do ônibus na companhia de sua mãe e irmãos, no caminho apareceu uma cobra engraçada era andava como aquela lagarta verdinha que faz com o corpo um quadrinho ao andar, grito e pulos e a cobra fugiu com medo das crianças eufóricas, com o que viam. Não demorou muito e o ônibus passou, estava cheio, muito cheio, mas conseguiu ficar perto da janela, e lá arrebitou seu narizinho para sentir um cheirinho que na estrada ficava era de umas flores em forma de estrela que caíam de uma árvore muito, muito alta chamada biribazeiro, que cheiro bom parecia o travesseiro macio e o docinho da waffles, que maravilha ali sua alma estacionava por alguns minutos eternos.

Ao chegar na rua de sua casa corria tão rápido, tão rápido, pois não podia ver a hora de voltar para sua casinha feita no canto da sala da casa azul, ali ficou e colocou sua boneca para dormir, leu só mais uma história e também adormeceu.

A noite passou rápido, e o dia já se fazia radiante, nesta nova manhã os passarinhos os apareceram gorjeando de maneira especial, Ayla levantou ainda esfregando os olhos e viu quando uma mão gorda passou pelo buraco da parede no canto da casa azul onde fizera sua casinha, e levou seu fogão vermelho de quatro bocas. Ficou assustada e deu a volta na casa, mas só viu o vulto a correr para fora do quintal e portal de madeira. Ayla determinada continuou correndo e chegou em uma calçada cheia de meninas que também brincavam com seus brinquedos que vinha desaparecendo dia após dia, sem explicação, então eram aquelas meninas de cabelos vermelhos e desmontaram sua casa quando estava na escola. Levantou a voz, tentou brigar por conta de tudo que havia sido furtado em sua ausência, mas as meninas eram mais fortes e muito mais bravas que ela, foi assim que seu coração partiu, não conseguiu lutar por seus tesouros, então sentou na frente da casa azul e chorou.

Sua mãe que sempre foi uma amiga e tanto, Ayla corre aqui, veja o que eu trouxe da feira, ela havia comprado, panelinhas, pratos e um fogão novo. Ayla não podia acreditar, que felicidade, preparou logo sua mudança para outro canto da casa azul, onde não havia buraco na parede e ali arrumou seu novo lá e preparou um chá para ela e sua única filha e leu o livro a casa de João de Barros e ali ficou até dormir, seu papai a pôs na cama e deu um beijinho de boa noite.

A casa azul, mesmo cheia de buraquinhos e com a tinta desbotada, tinha além de um quintal mágico uma família linda e amorosa.



Luzia Freitas

Contagem - MG

Luzia Freitas

ESTAÇÃO DAS DESPEDIDAS

Em uma pequena cidade quase esquecida do interior de MG, nasceu Dorival da Silva. Na infância, era fascinado por trens e ainda bem jovem começou a trabalhar como operador na estação da cidade. Ficou conhecido como Dodô da estação, incorporado àquele cenário bucólico e simples, onde a vida corria serenamente. Dodô passou a maior parte de sua vida naquela estação, e em sua meia idade, com os cabelos já grisalhos, continuava o mesmo, solícito, observador e acolhedor. Todos os dias ele presenciava o ir e vir das pessoas, observando cada despedida, as expressões nos rostos daqueles que iam e dos que ficavam. Para Dodô, cada partida tinha um peso único, trazendo uma pequena fração de tristeza ou de esperança. Se perguntava sempre sobre o futuro dos que partiam. Para onde estão indo, será que voltarão um dia para a vida que deixaram pra trás?

Num dia como outro qualquer, Dodô estava sentado na bilheteria brincando com a poeira insistente quando avistou uma jovem que aguardava o próximo trem. Ela estava sozinha, olhando constantemente para o relógio enquanto segurava com força uma mala. Havia uma tristeza profunda em seu olhar e Dodô, por algum motivo, se sentiu compelido a falar com ela. Se aproximou pedindo licença e se apresentou a ela. Ela, desconfiada, iniciou um diálogo tímido e disse se chamar Celeste. Parecia precisar de conversar e de ouvir a própria voz para se certificar que de fato teria coragem para fazer o que

pretendia fazer. Após um breve diálogo, ele descobriu que ela estava partindo para a cidade grande, deixando tudo o que conhecia e principalmente uma história de amor no iCloud da vida. Ela acreditava que a única forma de superar um relacionamento fracassado era partir, afastar-se do que se tornara e de tudo que a lembrasse de quem ela era com aquela pessoa. Desocupar um lugar de submissão, nulidade, opressão e desamparo... Um lugar que machucava, doía no corpo e na alma e que escolheu não mais ocupar.

Dodô compreendeu a dor dela, mas mais do que isso, teve uma epifania, percebendo algo que há tempos tentava ignorar. Uma inquietude silenciosa, uma avidez oculta, uma nostalgia de coisas que não vivera. Se deu conta de que a estação não era apenas o ponto de partida dos outros, mas também o lugar de onde ele, por insegurança ou medo, nunca tivera coragem de abandonar. Escutou muitas histórias, imaginou muitos lugares, mas seu olhar nunca alcançou tais coisas. Começou a refletir sobre sua própria vida, sobre oportunidades e sonhos que deixou passar por escolher permanecer sempre no mesmo lugar. Se lembrava das despedidas que presenciara, dos rostos de pessoas que nunca mais viu e começou a perceber que talvez o ato de partir fosse uma forma de renovação, um jeito de deixar algo para trás e abrir-se para o novo. Um novo que ele jamais havia ousado experimentar, algo que só existiu em seu imaginário. Algo começou a borbulhar em sua mente. Observou à chegada do trem o caminhar resolutivo de Celeste, que mesmo com os olhos cheios de lágrimas pegou sua mala, respirou fundo e seguiu em frente. Ele a observou embarcando e por um breve momento seus olhos se encontraram através da janela do trem. Algo no olhar decidido dela parecia lhe dizer que sempre

era possível recomeçar, que enquanto houver vida e coragem, há muito que seus olhos ainda podem mostrar.

Quando o trem foi se perdendo ao longe entre as montanhas, Dodô finalmente tomou uma decisão, enquanto se perguntava: quanto tempo ainda me resta? Não sei. O que sei é que tudo é efêmero. O colo da mãe, a juventude, os amores, a beleza, e assim como o sol se põe rapidamente, a chuva passa, o orvalho seca, a vida se esvai... Dentro do intervalo de uma breve travessia, entre os dois momentos - chegada e partida, movido pela pulsão de vida que surgira impetuosa, se comprometeu a contemplar muito mais do que jamais sua alma cogitara para sua existência.



Maah Figueiredo
Itupeva - SP

Maah Figueiredo

INCOMPREENDIDOS

Ela rabiscou aquela tela, sem se importar se estava ficando bonito, feio, desfigurado, formal ou qualquer outro critério que ali poderia se encaixar.

Mergulhava o pincel na água, diluía a tinta da aquarela e passava naquele branco, apenas a fim de liberar tudo aquilo que estava sentindo, aquele sentimento sufocante que estava instalado em cada poro de seu corpo, deixando-a maluca. E aquele sentimento ficou marcado naquela tela em vermelho e azul. Em uma cor que transmitia sua tristeza e sua fúria intensa. E quando finalmente pode respirar fundo, ela largou o pincel, tirou os fones e passou a mão no rosto, esperando um segundo antes de parar e avaliar sua obra.

Não havia ficado horrível. Não havia ficado feio. Mas também não havia ficado definido. Não tinha forma. Era bagunçado, era paralelo e confuso.

Eram os sentimentos dela ali. E quando percebeu a importância da interpretação de uma obra, a qual só ela possuía em relação a dela, pensou no que os artistas sentiam enquanto pintavam aqueles quadros que muitos apenas consideravam rabiscos. Ela mesma fazia parte desses “muitos”.

Nunca foi de pintar, nunca foi de observar, nunca foi de se interessar em se aprofundar em nada que tivesse relação com arte, tinta e uma tela cheia de desenhos, cores e dissertações na língua dos artistas. Mas naquele momento, observando sua obra recém-feita, ela percebeu a importância

que tinha em analisar. Pensou em quantos artistas expressaram seus sentimentos em uma tela, assim como ela, e em uma forma de pedir socorro, a exibiu para que os outros lessem as entrelinhas e entendessem seus sentimentos e clamação por ajuda. E pensou também quantos artistas foram ignorados e tiveram seus pedidos de ajuda compreendidos apenas séculos depois de suas mortes.

Decidiu fazer um teste.

Bateu uma foto de sua arte e mandou para sua amiga.

“Sangue no céu”, foi o que ela disse.

Interpretação interessante, mas não foi isso que ela quis dizer com aquele quadro.

“Todos nós somos incompreendidos.” Pensou ela, e decidiu que aquele seria o nome de sua obra: Sangue no Céu.”

— Todos nós somos incompreendidos...



Manoel Pena

Brasília - DF

Manoel Pena

In Memoriam

RELATOS DE MEU PAI – CLUBE MIRAFLORES

por Ainê Pena

Meu pai que sempre foi dado a inventor, nascido na cidade de Mantena, estado de Minas Gerais em mil novecentos e quarenta e nove, também sempre cantou. Não sei ao certo quando tudo isso começou, mas ele sempre contava para mim aqui em casa, onde com ele sempre morei, suas façanhas e relatos de uma vida cheia de aventuras, que para mim quando criança, era quase que o pote do tesouro, mexer em suas coisas e descobrir guardados históricos de sua vida.

Um relato que quero compartilhar com vocês neste livro é de uma situação dele vivido pouco antes de eu nascer e que, quando pequena, ainda consegui viver um pedaço dessa história e conhecer de perto um pouco disso tudo.

Conta ele que frequentando a igreja onde por praticamente toda sua vida viveu, aqui próximo à nossa casa, em Brasília, onde ele chegou para morar ainda adolescente, conheceu muitos jovens de sua idade e alguns mais moços, então sabendo que em outras cidades existiam clubes de escoteiros e acredito eu que, até pode ele mesmo ter participado antes de vir morar aqui, ele resolveu que gostaria de ter um clube nesta igreja.

Juntamente com outros jovens, um deles seu irmão mais novo, meu tio Daniel Pena, passaram a se reunir nos domingos pela manhã fazendo algumas atividades de jovens desta época que eu neste momento não saberia dizer quais eram elas, mas

me lembro dele contar a poucos meses, quando estávamos saindo daquele período terrível de pandemia, que em uma ocasião, os jovens foram passar uma tarde na Prainha, um parque ambiental aqui próximo.

Mas a ideia do clube não vingou e ficou por isso mesmo.

Meses mais tarde, pelo que me conta, acredito que um ou dois anos, ele ainda com esta sede de ter aqui um clube de escoteiros, buscou informações e através de um movimento que estava acontecendo na época em que ele mesmo participou e que conto em outra ocasião, ele reuniu informações suficiente para criar o tal clube.

Então foi feito o comunicado na igreja e no domingo de manhã ele se reuniu com os jovens e finalmente fundou o clube sob o nome de Miraflores, com ele como Diretor e este foi o clube oficial que funciona até hoje e que o fez uma homenagem no dia de seu funeral no dia seis de agosto de dois mil e vinte quatro, encerrando ali suas atividades neste clube e em uma vida cheia de criações e aventuras.

Bom, por toda minha vida eu escutei ele falar que as pessoas sempre dava a data errada da criação do clube uma vez que o clube somente foi criado naquele domingo que foi feita a reunião inaugural do Clube de Desbravadores Miraflores na cidade do Gama, Distrito Federal, e que qualquer atividade ou tentativa de criação de um clube de escoteiros que houve antes, nada tem a ver com o clube oficial que temos hoje na igreja, por que o clube que hoje tem este nome, somente foi criado naquela ocasião oficial, e não antes. Este equívoco o deixava aborrecido e ele sempre resmungada pela casa, cada vez que escutava sobre o assunto. Cresci aborrecida com isto também, até porque, os uniformes dos desbravadores quem costurava era minha mãe em sua máquina Singer zigzag que tinha na época. Todos os acessórios e bottons que eles usavam

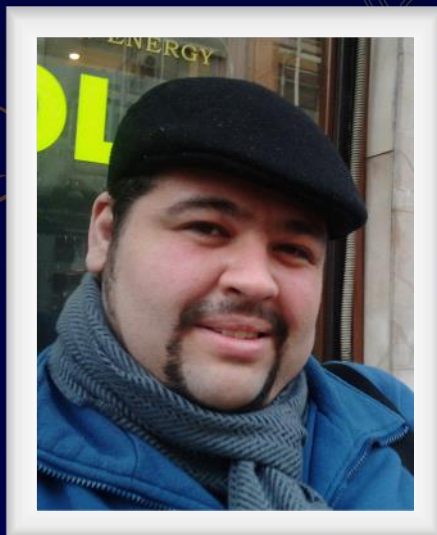
nas roupas e na faixa, minha mãe que os bordava e eu acompanhava, bem pequena, o trabalho de tudo isso. Me lembro do meu pai desenhando cada um dos símbolos para a farda, as marcações de onde minha mãe usariam na máquina para cada bordado. Coisas que ficarão na minha memória até o fim dos meus dias.

Nunca pude ser uma desbravadora, minha mãe nunca permitiu alegando que não poderia me acompanhar nos acampamentos de rala, isso me marcou muito. Mas meu pai deixou este legado em minha memória por toda a vida, e que desceu para a sepultura com o lenço para que este legado o acompanhasse para sempre, já que era algo que ele tinha muito orgulho de ter participado, como chefe, líder e fundador do Clube de Desbravadores Miraflores do Gama-DF.

– Pai, porque do nome ser Miraflores?

– Porque o primeiro clube foi fundado na cidade de Miraflores aqui na América do Sul. - sempre respondia ele com orgulho de seu feito.

Palavras que vou sempre lembrar.



Mário Luiz Amorim
São Borja - RS

Mário Luiz Amorim

AS FAÇANHAS DO POVO GAÚCHO

No início de maio, o Rio Grande do Sul despertou sob uma sinfonia de trovões e uma cortina constante de intensas chuvas. Era como se o céu estivesse, aos prantos, chorando sobre o povo do Pampa. Sendo assim, as águas intensificaram os níveis dos rios, inundando as ruas das cidades do estado e transformavam as paisagens familiares em cenários desoladores.

Na localidade conhecida como Muçum, as margens do rio Taquari, já estavam sob pressão das águas. Os moradores ficaram apreensivos, enquanto os meteorologistas alertavam para a possibilidade de um colapso. Era como se a estrutura estivesse presa entre a segurança e o perigo iminente.

Enquanto isso, em outras cidades do Rio Grande do Sul, os alagamentos já haviam invadido as ruas. As residências aparentavam ser ilhas isoladas, protegidas por um rio agitado que não resistia. Famílias inteiras se refugiavam, nos andares superiores de suas residências, esperando, ansiosamente, por ajuda que parecia não chegar.

Era uma cena de angústia e solidariedade ao mesmo tempo. Os moradores se mobilizavam para reforçar a ponte em perigo, enquanto os voluntários, de outros lugares, uniam-se para levar suprimentos e resgatar os que estavam presos em diferentes cidades. Era um esforço conjunto para lidar com o evento atípico da natureza.

Enquanto isso, na margem do rio Guaíba, um fotógrafo chamado Eduardo, que era voluntário para ajudar as pessoas desabrigadas, também registrava momentos únicos de muita aflição e tristeza. Ele não tirou fotos apenas da destruição das cidades, mas também da persistência, da solidariedade do povo gaúcho e de ações de auxílio de estados irmãos que surgiam no meio do caos. Suas lentes captavam não só as quedas de pontes e os alagamentos, mas também os rostos corajosos daqueles que enfrentavam a tempestade de frente.

Em uma das fotos mais marcantes, Eduardo capturou um grupo de voluntários lutando para resgatar cinco crianças que estavam no telhado de uma casa, suas expressões faciais precisas contrastavam com o ambiente sombrio ao seu redor, mas havia uma chama de esperança em seus olhos. No barco, uma guriuzinha pergunta para ele:

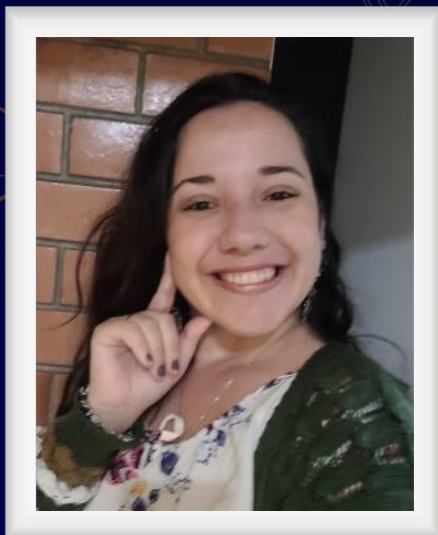
– O senhor pode pegar aquela boneca que está perto do barco?

E o voluntário responde:

– Sim, claro.

Ao pegar a boneca na mão, as lágrimas nascem e caem do rosto de Eduardo, porque constatou que não era uma boneca e sim um bebê que tinha sido vítima da enchente que assolou aquele local. Ele se conteve e disse que iria guardar, nunca caixinha para ser velado e prometeu que daria uma boneca nova para a menina depois. Era um sinal de que, mesmo nos momentos mais difíceis, a humanidade sempre encontra forças para se reerguer.

As comunidades do Rio Grande do Sul se uniram para reconstruir o que haviam perdido. As quedas de pontes e os alagamentos deixariam marcas profundas, mas também fortaleceriam as conexões entre as pessoas. E, enquanto o rio se acalmava e as nuvens davam lugar a um dia ensolarado, a esperança continuava, como uma promessa de dias melhores no horizonte.



Michelle Bianchi

São Paulo - SP

Michelle Bianchi

MEU PALCO

Meu palco é o chão de terra do meu sertão
Da roça que sempre morou no meu coração
Podem me dizer os eruditos
Que o camponês não tem nada de sábio, de erudito
Mas eu te digo, caminhei com que estes seres
E com eles pude aprender tão sublime missão
A de saber que somos pequeninos
Que a sabedoria também pode ser apreendida
Na lida da vida
Por mais que eu, rata de biblioteca, grite
Avante os livros!
Digo a quem quer que seja
Douto ou erudito
Os camponeses, roceiros, sertanejos
Apreendem no chão da vida
O que não puderam aprender nos livros
Avante a poesia da vida,
que está viva em todo ser que habita!



Mirelle Anhuci

Santos - SP

Mirelle Anhuci

SOLIDÃO

Solidão
Não e só estar sozinho
Consigo mesmo
Frente a frente
Pra dar cara a tapa

Solidão é olhar para o seu interior
Desfrutar sua alma
De corpo e alma
Cara lavada
Sugando suas energias
Movendo as peças
Uma de cada vez
Sem ter pressa
Pra alcançar
Aquilo que almeja
Um abraço
Um aperto de mão
Sem sufocar o outro
Com ironias e desrespeito
Pois isso pra mim e tolerar
Alguém

Solidão nunca foi
E nunca será tolerância
São passagens das almas
Que vagueiam por aí
Cruzando nossos caminhos
Percalços da vida
Cujas trilhas ora tortuosas
Ora excelente
Mostrando a beleza e seu interior
De estarmos vivos
Conscientes ou não
Dos seus próprios atos

Pois Consciência
E fruto de amor
Carinho
Cuja singela gera delicadeza
Pelo simples aperto de mão
Uns com outros
Sem trocarmos farpas
Que hoje em dia tá tão raro e escasso
Pois só querem fama e poder
Voando pelas janelas a delicadeza
Nós restando apenas
Estarmos sozinho
De corpo e alma lavada
Para darmos um aperto de mão
Unindo força
E Paz interior em nossos corações



Nádyá Gurgel
Fortaleza - CE

Nády Gurgel

Primeira-Secretária, AJEB/CE

NOSSO LIVRO AZUL

Nele só cabem purezas e exuberâncias,
como auroras e ocasos,
roseirais e ninhos,
mar e serra.

Vivem, em suas doces páginas,
Abelhas, corais e borboletas,
garantindo o nosso
porvir.

Exibe, sem cessar, risos pueris
e
a sapiência dos longevos.

Abriga,
Sempre,
o cântico dos pássaros
e
das cigarras,
bem como
protege os
escassos
vaga-lumes.

Aquece nossos corações e
alivia nossas mentes com
verdades e afetos, isento
de vaidades e de opróbrios.

Exibe,
apenas,
o legítimo amor da mãe por sua prole
e a dança das ondas abraçando o infinito.

Bonito de se ver, em cada texto, em prosa ou em verso,
as odes à felicidade e às paixões
dos que não temem o inóspito
tempo dos vendavais.

Em suas veredas há incontáveis árvores
e, nelas, há tanta vida, tanta permanência,
emolduradas pelo céu e pelas luzentes gaivotas,
que não entendem por que, longe dali,
seres - que se dizem humanos - tramam
contra a paz, disseminam mentiras e
só causam ruínas.



Nelson Aguinaga
Quito, Ecuador

Nelson Aguinaga

TE AMO MADRE (SONETO INVERTIDO)

Que calle la música hasta el silencio;
porque tu amor madre es la melodía,
pidiendo eternidad que reverencio

Copas a inmensidad de la alegría,
por tu cadencia amor que yo evidencio,
en acto de vida de alegoría

¿Madre... dime cómo no voy a amarte?,
si eres bondad y cabeza en esencia
con fortaleza y regada presencia,
nos llevas como remolino en arte

Qué maravilla regalo al besarte
como hijo a su madre en una vivencia,
donde tu mayor virtud es paciencia,
para guiar a familia y adorarte



Sandro Brustolin

Marau - RS

Sandro Brustolin

ROSAS NO SINAL DO AMOR

Ao findar de uma tarde, em um dia comum como outro qualquer. O sol começava a se pôr no horizonte, tingindo o céu de tons laranja e rosado. No sinal de trânsito movimentado, entre os carros impacientes, estava ela: uma jovem vendendo rosas, com um sorriso gentil no rosto e o brilho da esperança nos olhos. Seu nome era Ana Laura, uma garota simples, mas cheia de sonhos.

Enquanto isso, no carro parado logo à frente, estava Otávio, um empresário bem-sucedido, porém cansado das superficialidades da vida urbana. Seu olhar foi atraído pelas rosas que Ana Laura segurava com carinho, e algo dentro dele despertou. Era como se aquele gesto simples o conectasse a algo mais profundo, algo que ele não conseguiu entender de imediato.

Decidido a seguir seu instinto, Otávio desceu do carro e se aproximou de Ana Laura. Com um sorriso gentil, ele comprou uma rosa e entregou a ela, dizendo:

"Esta rosa é para você, pela beleza que ilumina este lugar cinza."

Ana Laura ficou surpresa com a gentileza do estranho, e ao olhar nos olhos dele, sentiu algo inexplicável. Era como se o tempo tivesse parado e, em um instante, ela viu o universo refletido naqueles olhos.

Otávio também sentiu algo indescritível ao encontrar o olhar de Ana Laura. Era como se a conhecesse de algum lugar,

como se já estivessem conectados há muito tempo, talvez até em outras vidas.

Sem dizer uma palavra, eles sentiram uma conexão que transcendia o tempo e o espaço. O amor, sutil e poderoso, os envolveu como uma suave brisa de primavera.

Após aquele encontro mágico, Otávio começou a passar todos os dias por aquele lugar, até que convidou Ana Laura para jantar. Ela aceitou sem hesitar, sentindo que o encontro era apenas o começo de uma jornada extraordinária.

Naquela noite, sob o luar brilhante, entre risos e conversas profundas, Ana Laura e Otávio descobriram que o amor pode surgir nos lugares mais inesperados, como um sinal do destino.

E assim, entre rosas e sorrisos, nasceu uma história de amor que transcendeu o tempo, unindo duas almas que encontraram sua verdadeira essência uma com a outra.



Verônica Bandeira

Ilhéus - BA

Verônica Bandeira

A MENINA QUE CRESCERU SOZINHA

Esse conto se refere à Ana, hoje mulher, mas antes menina do sorriso leve e solto, ainda sim poderia ser a história de muitas meninas que cresceram sozinhas.

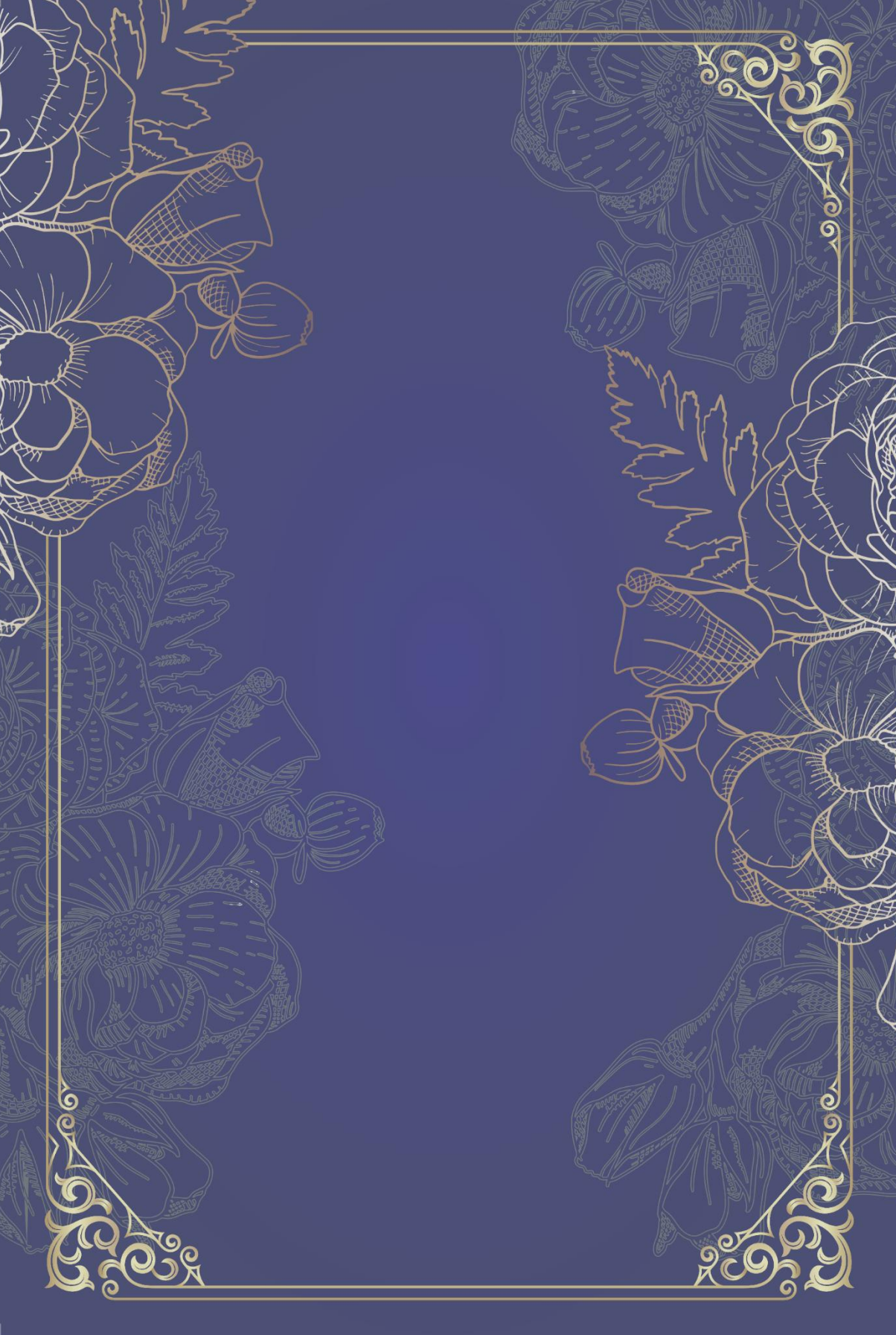
Ana filha única, de pais de vida simples e dedicada, que sempre souberam que a educação é o bem mais valioso, que pode ser proporcionado ao um filho. E assim fizeram com Ana, menina simples e bem educada, com carinho dos pais cresceu, sabendo onde queria estar e lutou para conquistar. Ela sempre com as melhores notas, e sem amigos, cresceu sozinha em meio à multidão, só a sua imaginação te trazia emoção. Ana sonhava com lugares lindos que um dia iria visitar, com carros luxuosos e tudo que o dinheiro poderia comprar e a única maneira de conseguir era estudar...

Com o passar dos anos na universidade de sua cidade, estudava e trabalhava, sua mente ocupada sempre estava. Em meio à sua vida corrida sempre havia tempo para fazer uma prece, um pedido para Deus conceder milagres em sua vida, ela sabia que não seria fácil alcançar tudo que almeja e por isso com ajuda do Pai Celeste ela contava. Em seus estudos ler sobre pessoas importantes, invenções que mudaram a humanidade e pensava como irão lembrar de mim?! E assim ela divagava em tudo que ainda poderia fazer, sempre sozinha por escolha própria é o que dizia.

Finalmente um ciclo se fecha para outro começar, Ana agora com diploma na mão não pensa em parar de estudar,

claro que não, já começa outro caminho trilhar com mais leveza no olhar, e coragem em todo caminhar. Até hoje Ana conta a todos sua primeira entrevista de trabalho já graduada, ela muito bem preparada respondia tudo sem hesitar, mas na sua cabeça não pode deixar de lembrar tudo que seus pais fizeram para ela estudar, e um sorriso leve que há muito tempo não se via assim tomou conta do rosto de Ana e fez tudo se iluminar. E foi assim que ela conseguiu seu primeiro emprego lembrando de quem agora não está.

Ana agora é oficialmente colunista de uma revista famosa que todos já ouviram falar, ela se orgulha de tudo que conquistou, e sabe que tudo que sonhou agora pode realizar. No trabalho Ana é quem muita gente queria ser, ela sabe disso e por isso é com prazer, nunca precisou pisar em ninguém, sempre fez o bem e guarda preces no coração que só ela detém. Viver em um mundo globalizado onde ter é melhor que ser muitas vezes, deixou Ana muito deslumbrada mas nunca desvirtuada dos princípios éticos que um dia lhe ensinaram, ela sabe viver no mundo capitalista e ainda sim admirar um lindo pôr do sol, tomar um belo banho de mar e até pensa em se casar...Ana cresceu sozinha em um mundo que muitas vezes foi cruel, quantas noites perdeu estudando sem parar, quantas vezes foi andando para lá e pra cá, Ana é de se admirar sua garra e força poucos vão notar o que eles só veem é onde ela conseguiu chegar se foi o esforço só Ana sabe contar, a humanidade só enxerga resultado, não quer saber por onde você andou só aplaude quando você já chegou.



Biografias

Adela Rubio Calatayud - Licenciada en Historia (Ciencias de la Antigüedad e Historia Medieval). Especializada en folclore sefardí. Ha publicado libros de divulgación histórica, novelas históricas, de tema femenino y social, románticas, épicas, poemarios, relatos, infantiles. Ha participado en antologías y libros colectivos con poemas y relatos. Ha grabado discos, dado conferencias y conciertos en España e Israel y publicado artículos en revistas especializadas.

Ainê Pena - Escritora e historiadora, escreve para crianças e tem mais de 100 livros publicados. Tem sua maior obra, a coleção de livros infantis Coisas do Lelé com os quais trabalha vários projetos de incentivo à leitura e ao estudo de línguas. Acadêmica de várias Academias de Letras, presidente da AICLAB e detentora de vários títulos, incluso de Baronesa e Embaixadora da Paz.

Aline Venutto - Advogada, escritora, professora e palestrante. Bacharel em Direito pela Universidade FUMEC (2012). Pós-Graduada em Direito Público pela PUC/Minas (2014). É membro do grupo extensão/pesquisa de Direito e Literatura: um olhar para as questões humanas e sociais a partir da literatura - LEGENTES (PUC Minas/CNPq). Membro da Comissão da OAB/MG Direito na Escola e Membro da Comissão da OAB/MG de Oratória Jurídica.

Andreia Caires - De São Paulo. Autora dos livros: O Diário da Borboleta azul, As sementes que plantei e Bichos em Poemas.

Membro da Academia Independente de Letras e Colunista Jornal Rol.

André Tenório - Carioca, nascido na década de 70, casado. Professor de Filosofia e Escritor. Autor de livros sobre filosofia e mitologia grega.

Annalies Borges - Atriz, dramaturga, escritora e professora. Tem: Mestrado Profissional em Artes do IFCE (2023); graduação em Letras/Língua Portuguesa/Literatura pela UECE (2004); curso de Arte Dramática da UFC (2008). É integrante da Associação de jornalistas e escritoras do Brasil (AJEB CE), tendo seus textos literários publicados em coletâneas.

Barbara Cardoso - Doutora em Educação (UFPA). Professora da Educação Básica e Ensino Superior Reside em Abaetetuba-PA. Escreve com temáticas: Epistemologia das águas Amazônicas; Currículo: Educação do Campo.

Bete Pereira - Professora, Teóloga, Escritora e Compositora. Autora dos livros "Muitas Formas de Amar e Amores e Saudades" Editora Provérbio, coautora em 23 Antologias, entre elas "Recomeço em Versos" Editora Itapuca e "Poemas de Bolso" Editora Usina de Textos.

B. M. D. Oliveira - Residente de Taubaté, estreou como autor em 2023, com o drama investigativo "Crimes para Esquecer", onde aborda temas como a importância do tratamento psicológico e a conscientização do alcoolismo. Atualmente, está trabalhando em sua sequência, e em seguida planeja explorar os gêneros de fantasia, terror e drama em futuros projetos.

Cleide Carvalho - Brasileira, natural de Conceição do Canindé-PI, Professora e palestrante na UFPI, no SEDUC-PI nas áreas de História, Arte e Cultura, cursando doutorado em Ciências da Educação. Publicações nas áreas da educação e poesias com lançamentos na Bienal do Livro em São Paulo, no SALIPI, no Congresso Internacional em Asunción-PY, exposições de artes educativas no SALIPI e Seminários regionais.

Cristiane Dagostim - Escritora, membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB) e da Academia de Letras do Brasil de Santa Catarina (ALBSC) - Seccional Criciúma. Doutora em Ciências da Linguagem pela Unisul, sua atuação destaca-se na área da educação e da escrita, unindo práticas pedagógicas inovadoras e a produção literária. Além disso, participa ativamente da formação de professores e desenvolvimento de projetos educacionais interdisciplinares, com ênfase em metodologias ativas.

Djany de Carvalho - Uma mulher tímida, determinada, que segue descobrindo a vida e construindo seu caminho. Ama viajar, contar e ouvir histórias, estar com a família. Como profissional, realiza-se como professora. É uma eterna sonhadora: acredita que a vida sempre pode melhorar, e de forma coletiva. Talvez por isso nunca pensa apenas em si. Tornou-se mãe do Victor Gabriel, o presente que coloriu, significativamente, seu viver!

Elaine dos Santos - Filha de Mario dos Santos e Vilda Kilian dos Santos. Doutora em Letras, autora do livro "Entre lágrimas e risos: as representações do melodrama no teatro itinerante", adaptação de sua tese. Professora universitária aposentada nas

áreas de Língua Portuguesa e Literatura. Revisora de textos acadêmicos. Cronista. Antologista.

Eliane Oliveira - Professora de Língua Portuguesa e Literaturas. Estudante de Neuropsicopedagogia Clínica e institucional. Idealizadora do Curso de Escrita Curativa, intitulado Poematerapia. Escritora e Poetisa, com mais 40 Poemas escritos em um ano (temáticos e personalizados).

Elimara Rocha - Poetisa, cantora e compositora. Participou da Antologia Para você Mamãe, vol. II.

Érica Fernandes - Natural de Cedro-CE, filha de Maria e de Francisco, mãe de Victória e de Vinícius, esposa de Henrique. Professora e Técnica em Assuntos Educacionais no setor público, contadora de histórias, mulher de alma poesia, um grão do/no mundo. Licenciada em Letras e Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas pela UECE-CE, Mestre em Avaliação de Políticas Públicas-UFC-CE.

Fábio Plus Sieger Klein - Filho primogênito dos três filhos de Ildor e Irmkart Klein. Além de ser fluente em Alemão, gosta de compor músicas, e já publicou mais de 15 livros, que estão na Amazon, Uiclap, Ubook, etc. Atualmente, reside em Santa Catarina.

Inez Ramos Crespo - Nasceu em Camaquã-RS. Especialista em Matemática e Supervisão Escolar. Mestra em Educação. Professora. Escritora. Poeta, Oficineira. Publicações: Título: Mulher, 1991. Rosa de Sal, 2006. Org. Tecendo Poetas na Escola, 2013. Meu Filho TDAH e outros Bichos, 2015. Além de

participações em Antologias e Revistas. Imortal da ALB Secção RS e da ALSPA. Membro da CAPOCAM.

Jessé Maia de Oliveira - De Belford Roxo - RJ.

Jonas Bandeira - É poeta, professor e compositor. Tem um livro publicado por nome: Verso Diverso. Atua na área há 15 anos.

José Olívio - Professor, cordelista, compositor, declamador, possui vários títulos publicados, quer físicos ou nas plataformas virtuais. E verbete no Alexa. Facilitador de Oficina de Cordel. Membro da Caspal, Alada e da Ordem Brasileira dos Poetas da Literatura de Cordel, sediada no Mercado Modelo, Salvador-BA. @joseoliplima.

Karol Costa - Residente em Itajai-SC, escritora com 5 obras publicadas: Cartas da Karol, Cartas de uma Alma Juvenil, Devaneios de uma Mente Sonhadora, Entre Palavras e Emoções e Mensagens de Luz. Participação em várias Feiras Internacionais como seu programa semanal Momento Zen na FILC Dubrá. Em seu blog pessoal pode ser encontrado: Cartas, poesias, contos, Haikai, além de textos convertidos em áudios.

Leacide Moura - Amapaense, Profa. Esp. Educ., poetisa, escritora e organizadora de obras da Literatura Brasileira. Publicou e participou da organização das obras: Sementes na Educação-Professores Escritores, Antologia Todas as Cores, Antologia Mulheres Livres Senhoras de Si e Morada do Amor, e outras. Tem estudos científicos de sua carreira literária em universidades e simpósios nacional e internacional. Participa dos mulherios das Letras Brasil/Europa.

Leila Nunes - De Belém, cidade cheia de cheiros e sabores. é professora, e adora contar histórias para meus alunos, não importa a idade, pois, acredita que a literatura tem o poder de encantar. "Escrever é uma aventura tão saborosa que precisamos compartilhar, por isso deixo para meus leitores essa mágica aventura."

Luzia Freitas - Paranaense, residente em Minas Gerais. Psicóloga Clínica Comportamental. Escritora do livro "Nas Terras do Coração" com a temática luto infantil e participante de cinco Antologias. Escritora e poetisa, é amante da arte, dos livros e dos movimentos que libertam! Se inspira e se encanta com as Emoções da dimensão do humano!

Maah Figueiredo - De Jundiaí - São Paulo. Hoje continua morando no estado de São Paulo, em Itupeva. Apaixonada por romance, fantasia e sobrenatural. Iniciou sua vida literária aos 9 anos e aos 12 anos conheceu a plataforma digital *Wattpad*, onde descobriu sua verdadeira paixão: a escrita. Hoje, aos 20 anos, busca realizar o seu sonho, mudar a vida das pessoas e ser reconhecida por suas obras.

Manoel Pena - Foi professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, graduado em Licenciatura em Química pela Universidade Católica de Brasília, pós graduado pela UFLA-MG em Farmacologia e em Plantas Medicinais. Trabalhou na Oficina Pedagógica - SEDF onde desenvolveu projetos pedagógicos com professores da Rede Pública do DF e finalizou seu trabalho sendo Terapeuta Complementar, desenvolvendo pesquisas em Terapias Naturais e atendendo pacientes buscando sempre a cura através das plantas. 1949 - 06/08/2024. *In memoriam*.

Mário Luiz Amorim - Paulista de nascimento, brasileiro com muito orgulho, são-borjense de coração, e encara o mundo como sua querência maior, já tendo visitado mais de 40 países. Professor e palestrante, leitor e escritor, formado em Letras e Pedagogia e é especialista na área das literaturas brasileira, africana, indígena e latina. É professor de literatura do I.E. Padre Francisco Garcia (São Borja/RS) e aluno do Curso de Mestrado em Políticas Públicas da Unipampa – Campus de São Borja/RS.

Michelle Bianchi - Nascida na década de 90, casada, escreve e desenha de tenra idade, começou a escrever poesia de fato no ano de 2019. Em 2020, publicou seu primeiro livro Murmúrios da alma e seu segundo em 2023, Poesias místicas de um universo interior, pela editora Archangelus.

Mirelle Anhuci - Poetisa por hobby. Revelada por Passarinha e Nyin na Pandemia. Formada em História na Unisantos, sem exercer profissão. Ama ler jornais principalmente sobre política, economia e cotidiano.

Nádyá Gurgel - Docente de Língua Portuguesa do IFCE - campus Umirim. Membro da Academia Fortalezense de Letras (AFL) - cadeira número 14. Primeira-Secretária da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil - coordenadoria do CE. Mestre em Literatura Comparada pelo PPG-LETRAS (UFC). Romancista, contista, ensaísta e poeta.

Nelson Aguinaga - Es locutor en Radio "Ecos Poéticos", escritor en la revista Azahar, y en MACA para el mundo. Administrador de Ambrosía Poética. Gestor Cultural de: Colombia para el mundo en Biografías Artísticas, Internacional

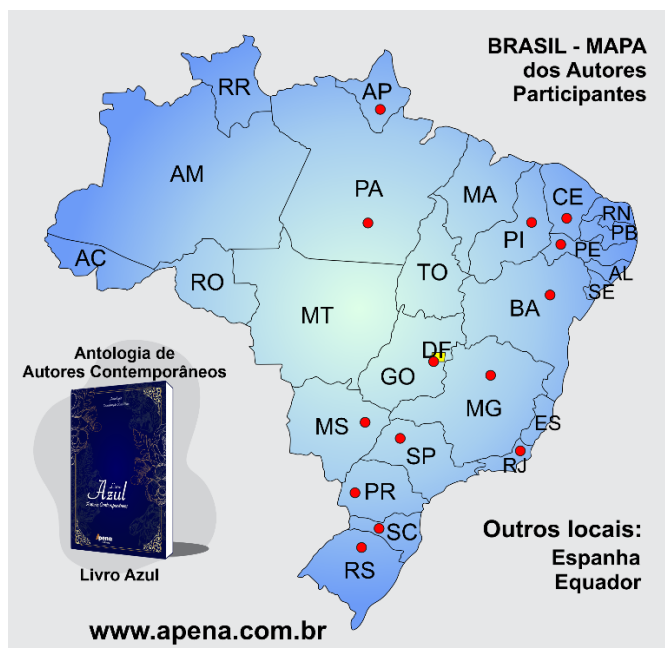
por los Mejores Poetas del Mundo, y de ABC para el Brasil. Embajador Cultural por la Academia Costarricense Alondra y Internacional por CIESART. Doctor Honoris Causa y Maestro en Literatura Academia en Filologia de Moldavia.

Sandro Brustolin - Escritor de livros espíritas. Após completar sua graduação em Sociologia aprofundou seus estudos em especializações em Ensino de Filosofia, Metodologia do Ensino da História e da Geografia, Sexualidade e Psicologia. Atualmente, está aprimorando suas habilidades com o curso de Terapia de Reprocessamento Generativo (TRG).

Verônica Bandeira - Professora, cordelista, poeta, escritora, mãe, mulher, filha de José Gomes e Enilda Maria. Participou de Antologias poéticas, teve trabalho aceito pela U.F.O.P., entre outros.

Participantes

Autores de várias partes do Brasil e outros Países



Norte

Leacide Moura - Macapá - AP

Leila Nunes - Belém - PA

Nordeste

Annalies Borges - Fortaleza - CE

Djany de Carvalho - Fortaleza - CE

Érica Fernandes - Fortaleza - CE

Nády Gurgel - Fortaleza - CE

Cleide Carvalho - Conceição do Canindé - PI

Jonas Bandeira - Recife - PE

José Olívio - Alagoinhas - BA
Verônica Bandeira - Ilhéus - BA

Centro-Oeste

Ainê Pena - Brasília - DF
Elimara Rocha - Brasília - DF
Manoel Pena - Brasília - DF - *In Memoriam*
Karol Costa - Campo Grande - MS

Sudeste

Aline Venutto - Belo Horizonte - MG
Luzia Freitas - Contagem - MG
Andreia Caires - Arujá - SP
B. M. D. Oliveira - Taubaté - SP
Maah Figueiredo - Itupeva - SP
Michelle Bianchi - São Paulo - SP
Mirelle Anhuci - Santos - SP
André Tenório - Cabo Frio - RJ
Bete Pereira - São Gonçalo - RJ
Eliane Oliveira - Rio de Janeiro - RJ
Jessé Maia de Oliveira - Belford Roxo - RJ

Sul

Barbara Cardoso - Abaetetuba - PR
Cristiane Dagostim - Balneário Rincão - SC
Fábio Plus Sieger Klein - Cunha Porã - SC
Elaine dos Santos - Restinga Seca - RS
Inez Ramos Crespo - Camaquã - RS
Mário Luiz Amorim - São Borja - RS
Sandro Brustolin - Marau - RS

Outros Países

Adela Rubio Calatayud - Mediana de Aragón, España

Nelson Aguinaga - Quito, Ecuador

Veja outras obras:



Antologia **Nossa Língua** **Nossa Gente**

Sobre a língua
Portuguesa.

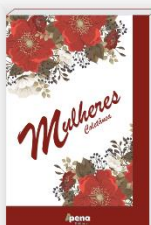
Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea **11.9: 20 anos**

Sobre a tragédia do
11 de setembro.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea **Mulheres**

Homenagem deles e
delas para elas, 8 de
mar. Dia da Mulher.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia **As mais** **Variadas** **Formas de Amar**

Dia dos Namorados.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea **Para você** **Mamãe**

Homenagem ao
Dia das Mães.

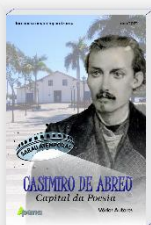
Leia grátis.
www.apena.com.br



Coletânea **Páscoa**

Em comemoração
à páscoa.

Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia **Casimiro de** **Abreu** **Capital da Poesia,** **Sarau Atemporal.**

Leia grátis.
www.apena.com.br



Antologia **Natal: Sarau** **Atemporal**

Poetas Atemporais.

Leia grátis.
www.apena.com.br

Todas as Obras estão à venda na Amazon Internacional, nas maiores livrarias ou no site <https://uiclap.bio/apenaeditora>

Alguns Depoimentos...

Nádyá Gurgel - O nosso "Livro Azul" é a conexão de mentes e corações ávidos pela liberdade criativa e pelo amor disseminado, em prosa e em verso.

Michelle Bianchi - Eu amei, ficou mais que linda. Muito obrigada!

B. M. D. Oliveira - Participar desta antologia com tantos talentos foi inspirador. Cada autor trouxe uma peça única, e me sinto honrado por ter contribuído com uma parte desse mosaico literário. Gostaria de agradecer também à Ainê Pena pela oportunidade.

José Olívio - E para mim grande honra e satisfação máxima participar desse encontro com autores de meu país, Espanha e Quito. Como cordelista, apresentei *Sertaneja*, poesia dedicada à minha avó, sempre bem acolhida nas declamações que amo fazer. Parabenizo Ainê Pena e indago se há laços parentescos com um grande e saudoso amigo desportista e empresário Antônio Pena, ex-prefeito duas vezes de Catu onde nasci, o qual inclusive, me convidou a escrever sua biografia. Grande abraço e parabéns, talentosos escritores do Livro Azul!

Ainë Pena - Agradeço a Deus em primeiríssimo lugar, por nos permitir tantas coisas, inclusive reunir pessoas tão talentosas em um único trabalho. Agradeço a todos que confiaram no meu trabalho e que vieram contribuir para que este ficasse maravilhoso como está. A contribuição de cada um foi indispensável para a realização, conclusão, e sucesso dele. O meu muito obrigada!

Autorização de Uso de Textos e Imagens

Todos os textos e imagens constantes nesta antologia foram disponibilizadas pelo próprio autor mediante autorização prévia de uso, e enviada por e-mail para *contato@apena.com.br*, para a coordenação desta obra, intitulada *Livro Azul - Autores Contemporâneos*.

Licença de imagem da capa:
© Arte Apena Editora e Freepik.com, 2024

e-mail da Editora: apena.editora@gmail.com

site da Editora: www.apena.com.br

[Leia grátis e participe de outras antologias](#)

Antologia:
Livro Azul - Autores Contemporâneos
Edição Apena
2024

Apena Editora

